



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
ESCOLA DE ARQUIVOLOGIA

Nicole Caroline Maltez Rodriguez

**A IDENTIFICAÇÃO DA MEMÓRIA E ARQUIVOS PESSOAIS DIGITAIS NAS  
REDES SOCIAIS DA INTERNET**

RIO DE JANEIRO  
2017

Nicole Caroline Maltez Rodriguez

**A IDENTIFICAÇÃO DA MEMÓRIA E ARQUIVOS PESSOAIS DIGITAIS NAS  
REDES SOCIAIS DA INTERNET**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arquivologia do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Arquivologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup> Patricia Ladeira Penna Macedo

RIO DE JANEIRO  
2017

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCHS

Departamento de Estudos e Processos Arquivísticos – DEPA

Escola de Arquivologia

Magnífico Reitor: Prof. Dr. Luiz Pedro San Gil Jutuca

Decano do CCHS: Prof. Dr. Leonardo Villela de Castro

Diretor: Prof. Dr. Eliezer Pires da Silva

Chefe de Departamento: Prof. Dr. João Marcus Figueiredo Assis

RODRIGUEZ, Nicole Caroline Maltez.

A identificação da memória e arquivos pessoais nas redes sociais da internet.  
/ Nicole Caroline Maltez Rodriguez – 2017. 62 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Patrícia Ladeira Penna Macedo

Trabalho de Conclusão de Curso (Arquivologia) – Universidade Federal do  
Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas e Sociais.

Bibliografia: 10 f.

Nicole Caroline Maltez Rodriguez

**A IDENTIFICAÇÃO DA MEMÓRIA E ARQUIVOS PESSOAIS DIGITAIS NAS  
REDES SOCIAIS DA INTERNET**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Arquivologia do Centro de Ciências  
Humanas e Sociais da Universidade Federal do  
Estado do Rio de Janeiro como parte dos requisitos  
para a obtenção do grau de Bacharel em  
Arquivologia

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Patricia Penna Macedo

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. M.<sup>a</sup> Patricia Ladeira Penna Macedo (Orientadora)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>a</sup>. M.<sup>a</sup> Brenda Couto de Brito Rocco

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>a</sup>. M.<sup>a</sup> Fernanda da Costa Monteiro Araújo

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Rio de Janeiro

2017

Dedico ao Bruce (*in memoriam*) que sempre esteve comigo durante a produção desde trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família, aos meus pais Hugo Alejandro Rodriguez, minha mãe Leila de Souza Maltez Rodriguez e minhas irmãs Stephanie Alejandra e Michelle Indrid pelo apoio durante a realização do curso.

À minha prima Jennifer Maltez pelo apoio e encorajamento durante a realização do TCC.

Às arquivistas do Arquivo Múcio Leão da Academia Brasileira de Letras, que me proporcionaram a interação com arquivos pessoais, estes que me deram inspiração para falar do assunto.

Aos meus colegas da turma de arquivologia da UNIRIO 2013.2 pela parceria durante as aulas e durante os trabalhos.

E finalmente, à minha orientadora Patrícia Penna, por ter aceitado este tema, pelo apoio e auxílio; e a paciência para durante a produção deste trabalho.

## **RESUMO**

O que buscamos apresentar neste trabalho foi exemplificar o que são as redes sociais digitais e os registros feitos nela. Buscamos entender, com base nos conceitos arquivísticos o que seriam as características de um documento de arquivo pessoal e como esse se comporta em ambientes digitais. Procurando então a associação dos registros feitos nas redes sociais como fontes de memória pessoal e possivelmente de um arquivo pessoal, deixando questionamentos de como estes registros seriam uma forma de representação do indivíduo e da sociedade em que ele vive.

**Palavras-chave:** Arquivos pessoais, redes sociais, documento arquivístico, internet.

## **ABSTRACT**

What we look for with this work was to exemplify what social networks are and records made on it. We're look for what means the concept of archival document, personal documents of archive and how it behaves in digital environment. Looking for the association of records made in social networks as sources of personal memory and possibly as personal archive. Leaving questions about how these records would be a form of representation of the individual and the society in which he lives.

**Keywords:** Personal archives, social networks, archival document, internet.

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1: Definição de características de um documento arquivístico.....</b>	<b>30</b>
<b>Tabela 2: Redes sociais mais utilizadas no Brasil.....</b>	<b>40</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1: Opção de solicitação de seu arquivo no Twitter.....</b>	<b>47</b>
<b>Figura 2: Opção para baixar arquivo de dados do Facebook.....</b>	<b>47</b>
<b>Figura 3: Opção para cópia de segurança do Whatsapp.....</b>	<b>48</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1 – O QUE É MEMÓRIA E ARQUIVOS PESSOAIS? .....</b>	<b>16</b>
1.1 – O QUE PODEMOS ENTENDER POR MEMÓRIA?.....	16
1.2 – DEFININDO ARQUIVOS PESSOAIS.....	21
1.3 – A MEMÓRIA E ARQUIVOS PESSOAIS.....	24
<b>CAPÍTULO 2 – ARQUIVOS PESSOAIS EM AMBITO DIGITAL E REDES SOCIAIS DA INTERNET.....</b>	<b>26</b>
2.1 – O QUE PODEMOS ENTENDER POR ARQUIVOS DIGITAIS?.....	26
2.2 – REDES SOCIAIS E O USO DA INTERNET.....	32
2.3 – ARQUIVOS PESSOAIS DIGITAIS E REDES SOCIAIS DA INTERNET.....	36
<b>CAPÍTULO 3 – RELACIONANDO REDES SOCIAIS DA INTERNET E ARQUIVOS PESSOAIS DIGITAIS.....</b>	<b>38</b>
3.1 – DEFININDO O QUE SÃO AS REDES SOCIAIS DIGITAIS.....	38
3.2 – REGISTROS NAS REDES SOCIAIS E A PRODUÇÃO DA MEMÓRIA.....	42
3.3 – RECAPITULANDO NOSSO OBJETO.....	45
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>

## INTRODUÇÃO

O homem como um ser sociável desenvolveu diversas formas de comunicação e produção de informação através do tempo. Com o tempo, a necessidade de recordar não foi apenas suprida pela memória humana, sendo necessária então a criação de suportes físicos para estes registros dos acontecimentos – os documentos.

A concepção do registro do pensamento individual e/ou coletivo que possibilite a circulação de ideais, servindo como fonte de informação, é considerada fonte histórica por comportar registro de fatos passados, cujo documento é uma prova (ALBUQUERQUE, GONÇALVES, 2015, p.52).

Essas formas de linguagem que ocasionaram registros ao longo do tempo, tiveram como premissa a função de comunicação em grupos sociais. As redes sociais são organizações sociais estruturadas de acordo com interesses ou objetivos dos indivíduos pertencentes a ela. Ao falarmos de redes sociais hoje em dia, nos lembramos prontamente das redes sociais da internet, mas sabemos que estas conversações inicialmente feitas por meio da linguagem, depois por meio de cartas, telegramas e por fim, com o advento da internet as comunicações se tornaram praticamente instantânea.

No caso de nosso objeto de estudo, as redes sociais da internet são espaços que permitem a divulgação e troca de informações entre pessoas do mesmo ambiente social ou que compartilham o mesmo interesse. As informações trocadas versam sobre temas diversos e são de tipologias variadas como em textos, fotos, vídeos, links<sup>1</sup>, arquivos de diferentes formatos e etc. As redes sociais da internet fazem parte da vida dos jovens e adultos em muitos países atualmente. As principais redes sociais usadas no Brasil atualmente são o Facebook, Twitter, Whatsapp e Instagram, além de redes sociais em formatos de blog como o Tumblr.

Estas redes são usadas como formas de comunicação e também para registro de cotidianos e atividades. Esses novos meios de comunicação e tecnologia impulsionaram às áreas de conhecimento de informação, a exemplo da própria Arquivologia, a estudarem e se adaptarem a essa nova realidade, ainda extremamente mutável e em constante crescimento informacional.

Com o avanço das novas tecnologias, e os diversos tipos de documentos produzidos e utilizados em meio digital, percebemos como a Arquivologia vem passando por uma transição

---

<sup>1</sup> Um link é o "endereço" de um documento (ou um recurso) na web.

epistemológica, de forma que possa identificar, classificar, dar acesso e preservar os novos documentos para o futuro.

Durante algum tempo acreditava-se [...] que a documentação digital estaria livre de problemas tradicionais relacionados ao acondicionamento, degradação do suporte, obsolescência, falta de confiabilidade e espaço de armazenamento, porém o tempo nos ensinou que a tecnologia por si só não soluciona todos esses problemas, pelo contrário, inclui novos problemas, os quais dependem diretamente da interferência humana e de políticas de preservação digital para serem solucionados. (INNARELLI, 2011, p.75)

Estes problemas advindos dos arquivos institucionais, em suporte físico ou ambiente digital, também se encontram em arquivos pessoais; principalmente se tratando das novas formas de documentar a vida individual.

O que podemos entender por arquivos pessoais, é que são documentos acumulados por pessoas privadas ao longo da vida, e podem refletir suas atividades intelectuais e profissionais, bem como seus interesses pessoais. Segundo Bellotto (2004) arquivos pessoais podem ser definidos como:

[...] o conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas e etc. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda, pessoa detentoras de informações inéditas em seus documentos que se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade (BELLOTO, 2004 apud TOGNOLLI; BARROS, 2011, p.74).

Podemos observar também que estes documentos pessoais, inseridos em meio arquivístico; podem fazer parte de memória coletiva, que por ventura possa servir para pesquisa e estudo de determinada região ou sociedade, época e cultura. Atualmente estes registros podem ser vistos em grande abundância nas redes sociais da internet, como veremos a seguir.

Com o advento e difusão da internet para o público em meados dos anos noventa, e o surgimento das redes sociais digitais a partir dos anos 2000, as correspondências, as fotos, os textos e até mesmo os diários passaram a ser tornar virtuais e cada vez em maior número. Ou seja, os arquivos pessoais então passaram a ser produzidos, em grande medida, em ambiente virtual, onde os tradicionais documentos como as correspondências, álbuns de fotografias, vídeos e etc; migraram de suporte assim como passaram a ser muitas vezes postados nas redes sociais.

Se tratando de arquivos pessoais, essa realidade suscita novas questões, como o problema entre preservação e memória. Em ambientes digitais, estes debates se intensificam, e principalmente no que tange as perguntas sobre como definir padrões em um meio onde documentos e informação são produzidos e armazenados de diversas formas.

Neste trabalho optou-se por, partir da literatura já produzida sobre os arquivos pessoais digitais, entender como a informação registrada cotidianamente por indivíduos em redes sociais podem servir de memória e possivelmente fazer parte de seu arquivo pessoal e de uma memória coletiva.

As memórias de indivíduos registradas acabam se tornando por vezes parte de um arquivo pessoal, e enquanto como parte da Arquivologia, estas precisam ser trabalhadas de forma que possibilitem a recuperação, a utilização e a identificação deste processo, que representa tanto o indivíduo como o coletivo no qual faz parte.

Os registros, sob qualquer forma, nos oferecem, em primeiro lugar, testemunhos de nossas interações com os outros, no contexto de nossas próprias vidas e do lugar que ocupamos na deles – são provas de nossa existência, de “nossas atividades e experiências”. Fabricamos e guardamos os registros que compõem um arquivo pessoal para assegurarmos nosso lugar no presente e no futuro (MCKEMMISH, 1996, p.24).

No nosso dia a dia percebemos que ocorre um crescente acompanhamento e troca de informações em ambientes digitais, com registro da memória pessoal e coletiva não foi diferente. Diante dessa pluralidade de tipologias documentais a Arquivologia teve de se adaptar e estudar esses novos métodos de acumulação. Verificamos a necessidade de estudar este tema, pois é cada vez maior a produção de documentos pessoais em ambientes digitais, principalmente em redes sociais, conforme destacado por Vera Dodebei (2015) e Miguel Angel Arellano (2004) a questão da memória e da preservação de documentos digitais apresenta um novo desafio para a área.

De fato, as memórias registradas em redes sociais ainda causam muitas discussões devido as comparações com documentos pessoais mais tradicionalmente conhecidos em meio arquivístico. Assim como intensificam discussões já colocadas para os arquivos pessoais “tradicionais” como, por exemplo, a questão de intencionalidade, uma vez que, de acordo com Primo (2008), os blogs, por exemplo, não devem ser comparados aos clássicos diários, geralmente encontrados em arquivos pessoais, pois os diários seriam uma forma de expressão voltada para si, enquanto os blogs são expressões do indivíduo para o mundo. Porém, o que

podemos entender a partir de Sue McKemmish (1996), é que os registros pessoais nem sempre são involuntários, mesmo em documentos mais íntimos como diários e cartas.

Levando em consideração que todo investimento na construção de um legado segue um padrão geral que confere protagonismo à ação do personagem ao qual se associa, ou seja, partindo da premissa de que existe sempre uma centralidade atribuída à sua trajetória, seria possível distinguir formas diferentes de evocação da memória (HEYMANN, 2011, p.92).

Portanto, neste trabalho tentaremos conectar os registros de memória digital, existentes a partir do uso das redes sociais e entender de que forma como elas podem afetar o futuro da nossa memória pessoal e possivelmente social. Abordaremos inicialmente no capítulo 1 questões relativas à memória pessoal e coletiva, no âmbito dos arquivos pessoais. Seguiremos no capítulo 2 discorrendo sobre documentos e arquivos digitais, explorando sua definição; falaremos então das formações de sociedades em rede e de como seus registros são formados, relacionando então aos registros digitais. Finalmente fecharemos o trabalho abordando o uso da internet e sua influencia nas sociedades contemporâneas; como esta nova tecnologia afetou as formas de registros dos indivíduos a partir do surgimento das redes sociais digitais. Ainda no capítulo 3 abordaremos a questão da memória futura a partir dessa produção documental digital e levantaremos questões referentes ao trabalho do arquivista, considerando estas memórias como parte de um arquivo pessoal.

## CAPÍTULO 1 O QUE É MEMÓRIA E ARQUIVOS PESSOAIS?

### 1.1 O QUE PODEMOS ENTENDER POR “MEMÓRIA”?

Partindo do senso comum, o que entendemos quando pensamos em memória? Quando nos perguntamos ou questionamos algum amigo, o que vem a mente quando se ouve a palavra “memória” pode variar; geralmente está associada à lembranças/recordações do passado que lhes foram relevantes e por consequência ao esquecimento de fatos não significativos.

De acordo com o Dicionário Priberam (2017)<sup>2</sup>, memória é: “a faculdade pela qual o espírito conserva ideias ou imagens, ou as readquire sem grande esforço; lembrança; nome, fama; recordação [...]”. De acordo com essa definição, podemos dizer que a memória não precisa ser necessariamente registrada, sendo algo intrínseco e natural do ser humano.

Vale ressaltar que mesmo sem perceber o que retemos ou esquecemos, é responsável por nossa construção social e pessoal, nesse sentido, também faz parte da memória nos identificar em nosso meio social, definir características de grupos em que se convive, assim como alterar as formas de política e de decisões governamentais. A memória pessoal, portanto, pode vir a se tornar algo identitário do indivíduo a partir da vida, transmitindo sentimento de pertencimento àquela sociedade em que vive.

[memória] é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p.203).

Segundo Halbwachs apud Pollak (1992, p. 201) a memória pode ser entendida como um fenômeno individual, coletivo e social, ou seja, pode ser identificada como um fenômeno construído, modificado e volátil as mudanças sociais.

*A priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p. 201).

Por ser pessoal e ao mesmo tempo social, a memória está sempre em construção, nesse sentido, a memória pessoal e a coletiva são seletivas, ela não guarda tudo, ela seleciona fatos considerados mais relevantes para registro. Ela é um fenômeno construído, mas nem sempre é

---

<sup>2</sup> MEMORIA. In: DICIONÁRIO da Língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2017. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/memoria>> Acesso em: 06 dez. 2017.

proposital. Ainda segundo o autor, a memória quando descrita não é necessariamente falada em ordem cronológica, em alguns casos, determinados fatos se sobressaem a outros, em virtude de certos acontecimentos serem considerados mais importantes pela pessoa que os descreve em momentos diferentes durante sua trajetória.

Para finalizar esse cenário de escolhas e recuperação a respeito da memória, Pollak (1992, p.201), destaca ainda os acontecimentos “vividos por tabela”, chamado assim pelo autor, pois estes que seriam os acontecimentos ocorridos em torno da pessoa de forma tão vívida que não se é possível ter certeza de participação ou não do fato, que se dá principalmente a partir da identificação com a história e pelo fenômeno da projeção.

Neste trabalho, por opção metodológica, exploraremos a vertente da memória que nos revela a identificação social em que o ser humano se representa na sua coletividade; afinal aqui abordaremos a memória como parte das problemáticas que envolvem o arquivo pessoal, assunto esse que será mais detalhado durante o capítulo.

De fato, o ser humano, enquanto um ser de natureza sociável sente a necessidade de se identificar no mundo, muitas vezes de saber de si e de seu passado, para se comunicar com os outros e criar laços na sociedade que vive. O papel da memória nesse contexto é de trazer à tona a identidade do ser humano, não servindo somente ao passado, mas atuando uma lembrança vívida que é refletida no presente.

Se ninguém sabe do que o passado é feito, uma inquieta incerteza transforma tudo em vestígio, indício possível, suspeita de história com a qual contaminamos a inocência das coisas. Nossa percepção do passado é a apropriação veemente daquilo que sabemos não mais nos pertencer. (NORA, 1993, p.20).

Tanto a memória quanto a identidade, conforme já comentamos, são entendidos como fenômenos construídos e que refletem a sociedade em que se vive, e estes não se dissociam entre si. Como no exemplo apresentado por Pollak (1992, p.205) em seu texto *Memória e Identidade Social*, o autor narra que durante sua pesquisa sobre a estrutura familiar nas classes populares, se percebeu que ao entrevistar famílias na Áustria, filhos bastardos eram considerados ilegítimos de herança, não apenas material, mas de herança moral em respeito às memórias de tal família. Ou seja, percebe-se que a memória não protagoniza apenas parte da identidade pessoal do homem, mas também tem papel importante na identidade de grupos sociais e políticos, pois sua difusão e manutenção dentro a sociedade depende de sua história e de suas memórias, e de como estas são demonstradas e aceitas no panorama coletivo.

Ainda sobre o fato da memória ser uma construção social, feita para e pelos os indivíduos como forma de interação podemos entender a produção de arquivos como algo criado também de forma intencional, de forma a externalizar acontecimentos e atos que não poderiam ficar somente a cargo e na responsabilidade interna.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1993, p.13).

Podemos perceber esta necessidade de materialização da memória, não apenas para uma questão emocional, mas uma questão social de identificação e de prova. Lembrado por Delmas (2010, p.21) a função inicial dos arquivos é sua capacidade de comprovação acontecimentos e de identidade, se tratando de pessoas.

Os arquivos servem para provar, lembrar-se, compreender e identificar-se. Provar seus direitos é uma utilidade jurídica e judiciária. Lembrar-se é uma utilidade de gestão. Compreender é uma utilidade científica de conhecimento. Identificar-se pela transmissão da memória é uma utilidade social (DELMAS, 2010, p.21).

De acordo com Nora (1993, p.8), ao longo do tempo as sociedades de memória, passaram a ser descredibilizadas, esse fato, diminuiu o peso da oralidade, ao ponto de que até hoje podemos perceber que, em algumas construções sociais<sup>3</sup>, a história registrada é mais acreditada e tida como fato, do que uma memória social – por vezes apenas passada verbalmente.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela esta sempre em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de todas as latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. (NORA, 1993, p.9)

O que chamamos de memória registrada, faz parte da história<sup>4</sup>, de acordo com Nora (1993, p.14), toda a memória atual se tornou história e toda história é feita de alguma memória ou algumas memórias. A memória se torna não apenas algo intrínseco ao ser humano, mas parte de um suporte para seu registro, em algo concreto e manuseável; que ao se tornar palpável acumula todo seu “histórico” de existência.

<sup>3</sup> Vale ressaltar que as construções sociais aqui utilizadas são referentes à sociedade urbana.

<sup>4</sup> Pierre Nora (1993, p.9) diferencia veemente a história da memória: história é apresentada como representação do passado em sua maior veracidade; como a reconstituição de um passado sem controvérsias; a memória entendida como algo vago, sem começo, meio ou fim, sem representação de fatos ou comprovações.

Como sabemos de acordo com Isabel Cristina Borges de Oliveira (2009, p.26) a partir do bicentenário da Revolução Francesa, destaca-se o dos chamados “lugares de memória”. Algo não exclusivo da França, mas também presente em outros países.

[...] a ausência da memória induz à necessidade de abrigá-la em lugares, neste caso, cristalizada na proliferação de arquivos de diferentes grupos sociais. De certa forma, estes centros ou sociedades poderão ser considerados “lugares de memória”, no sentido analisado por Nora, e sem dúvida são mais um sintoma do “boom” memorialista que invade a França, a partir das comemorações do Bicentenário da Revolução Francesa (OLIVEIRA, 2009, p.25).

Esse movimento impulsiona a construção da identidade coletiva, a partir da memória produzida e deixada para as gerações futuras, ou seja, o termo “memória-arquivo”, utilizado pela autora, refere-se à produção documental utilizada para provar acontecimentos e participações em formas de sociedade. Nesse contexto, a memória de um único cidadão não basta para definir uma sociedade, ela apenas se torna algo mais tangível quando compartilhada, afinal cada um alenta a memória com traços de sua personalidade e ponto de vista sobre o ocorrido.

[...] Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também na dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída... (HALBWACHS apud OLIVEIRA, 2006, p.27).

Nesse sentido, os “lugares de memória” citados por Oliveira (2009, p.25), são atualmente, o equivalente, ao que chamamos de Centros de Memórias, tais como Arquivos, Museus e Bibliotecas que, a partir de sua existência dedicam-se a guarda dos considerados por Nora (1993, p.15) “registros de memória”. Vale destacar, que estes espaços, apesar de serem conceitualmente antigos, aumentaram exponencialmente no último século, e principalmente nos últimos anos, conforme destaca Pierre Nora:

Nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivos como a nossa, não somente pelo volume que a sociedade moderna produz, não somente pelos meios técnicos de reprodução e de conservação de que dispõe, mas pela superstição e pelo respeito ao vestígio. À medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história (NORA, 1993, p.15).

De fato, o que vemos, atualmente, é a grande quantidade de documentação produzida e armazenada, por instituições públicas, privadas e por pessoas; mesmo sem necessidade a partir, do que podemos relacionar a existência de um desejo de materialização da memória, nos moldes proposto por Oliveira (2006, p.25), que afirmou existir em alguns casos a intencionalidade de pertencimento e criação, assim como de um desejo de memória para posteridade logo durante a produção documental:

[...] o texto não é um “subproduto” administrativo, e sim um “produto consciente”, embora essa consciência possa ser transformada em padrões inconscientes de comportamento social e em fórmulas padronizadas de apresentação da informação, de tal modo que os liames com as realidades externas e as relações de poder tornam-se bastante escondidos. Portanto, os documentos de arquivo são produzidos em “contextos semioticamente construídos, [...] dependentes das instituições e/ou dos indivíduos”; portanto, não há documentos neutros, objetivos, desinteressados, “inocentes” (TOGNOLI 2011 P.67).

Nesse momento, faz-se necessário refletir sobre outro ponto, pois se por um lado a vontade de registrar é algo claro, em nosso cotidiano, a preocupação com o acúmulo, e em sequência com a preservação e recuperação destes produtos, não é algo visto com nitidez pela maioria das entidades<sup>5</sup>.

O armazenamento realizado de forma incontrolável gera uma grande massa documental acumulada, que em alguns casos é impossível de recuperar. Mesmo com a intervenção posterior de um arquivista, o tratamento destes torna-se algo árduo e em alguns casos sem uma solução ideal.

De acordo com Barros e Tognoli (2011 p. 68) a “organização e demais fases do tratamento arquivístico devem levar em conta todas as informações contextuais possíveis e, além de todas as ferramentas tradicionais que o arquivista possui, deve-se trabalhar com um elemento a mais: a produção intelectual e a vida do titular do arquivo”; ou seja, o contexto de criação vinculado se torna muito mais importante nestes casos.

Percebemos através disso que a memória é algo importante para identificação do ser humano e para sociedade em que vive, não somente como algo pessoal ela carrega também a relevância para uma memória coletiva. A salvaguarda destas memórias como parte de um Arquivo Pessoal se torna um trabalho mais laborioso para o Arquivista, pois ao lidar com este tipo de documentação, há que se levar em conta todo contexto histórico acerca do produtor.

---

<sup>5</sup> De acordo com Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p. 84) entende-se por entidade produtora “Entidade coletiva, pessoa ou família identificada como geradora de arquivo. Também chamada produtor”.

## 1.2 DEFININDO ARQUIVOS PESSOAIS

Conforme comentamos acima, nos últimos séculos o aumento da cultura do registro e por consequência da produção de documentos criados por instituições e pessoas tornou-se imensurável, principalmente nas últimas décadas com o avanço das tecnologias e o fácil à *internet*<sup>6</sup>.

A necessidade de registrar as informações decorrentes da experiência humana, em sua imensa diversidade, tem produzido um grande número de registros que a testemunham e indicam os caminhos trilhados, possibilitando o seu conhecimento e reavaliação. É preciso não repetir os mesmos erros e atingir novos patamares no sentido de encontrar alternativas/soluções para problemas que se apresentam como novos ou transmutados (CALDERON, et al. 2004, p.97).

A finalidade da produção de documentos pode variar de acordo com seus aspectos, categorias, ciclo de vida e etc. conforme afirmou Fonseca (2015, p. 3), porém o que os define como documentos de arquivo tem relação direta com o que chamamos de organicidade – ou seja, sua relação que os outros documentos que compõem o fundo.

Essa relação apesar de ser facilmente observada em alguns fundos de natureza institucional, também deve ser atentada em documentos que compõe o que chamamos de arquivos pessoais, que de acordo com Bellotto apud Tognolli e Barros (2011, p.74), podem ser entendidos como “conjunto de documentos produzidos e acumulados por pessoas privadas no decorrer de suas vidas, em diferentes suportes, que refletem a suas atividades públicas ou profissional/intelectual”.

Porém algumas particularidades inerentes a estes fundos, criados em muitos momentos de forma incontrollável e por meio de um processo de acumulação sem preocupação com a recuperação e preservação tornou a conservação desses arquivos algo indispensável, conforme afirmou Bruno Delmas:

Eles são o produto necessário do funcionamento de toda sociedade organizada. Quanto mais uma sociedade se desenvolve, mais as atividades humanas são numerosas, diversificadas e interdependentes. Quanto mais documentos são usados para que os homens registrem seus atos e assegurem a sua continuidade e estabeleçam relacionamentos duráveis entre si, mais eles produzem e conservam arquivos (DELMAS, 2010 p.19).

---

<sup>6</sup> A Internet nasceu de um projeto de pesquisa militar (ARPA: Advanced Research Projects Agency), no período da guerra fria, no final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta. [...] a ideia era conectar os mais importantes centros universitários de pesquisa americanos com o Pentágono para permitir não só a troca de informações rápidas e protegidas, mas também para instrumentalizar o país como uma tecnologia que possibilitasse a sobrevivência de canais de informação no caso de uma guerra nuclear (OLIVEIRA, 2007, p.39).

Deve-se atentar que a concepção de Arquivos Pessoais, ainda não é um tema consentido no meio arquivístico, segundo José Francisco Guelffi Campos (2011, p. 1), por vezes, este é até mesmo polêmico, pois ele possui diversos formatos, tipos e espécies que trazem a tona uma reflexão mais profunda e questionadora da Arquivologia tradicional.

No entanto, nosso objetivo neste trabalho não é aprofundar esses debates, mas reconhecer estes documentos, criados a partir de trajetórias individuais, como parte da memória social documentada e por isso, responsabilidade dos arquivistas.

De acordo com Fonseca (2015, p.3) não podemos ignorar o fato de Arquivos Pessoais terem uma maior irregularidade, comparados aos Arquivos Institucionais, por exemplo, devido a riqueza em variedade de tipos documentais e de suportes produzidos, além da possibilidade de existência de coleções dentro de fundos pessoais. Porém estas mesmas peculiaridades, são o que tornam estes arquivos tão ricos. Segundo Ana Maria de Almeida Camargo (2009, p.30) esses documentos são aqueles que refletem algum tipo de sentimento e que são de exclusividade daquele acervo, não tendo cópias em qualquer lugar.

Apesar das similaridades existentes entre arquivos de origem privada ser grande, os Arquivos Pessoais se diferenciam quanto à sua tipologia, pelo fato de apresentarem grande número de tipos documentais não-diplomáticos, como cartas, cartões-postais, diários pessoais, etc, em relação aos demais (FONSECA, 2015, p.5).

Outro fato que merece destaque nesse momento de entender o que são os Arquivos Pessoais, diz respeito da acumulação de documentos pessoais a partir de uma necessidade social. Conforme apontou Artières apud Fonseca (2015, p.7) a questão social também está presente para além da esfera da intimidade nesses arquivos, pois ser inserido na sociedade pressupõe a criação de provas de si. Cotidianamente precisamos apresentar papéis que nos são exigidos para cumprir direitos e deveres.

Este acúmulo de documentos produzidos diariamente é um grande desafio para quem os organiza além da definição de fundos ou coleções dentro de tal arquivo; não esquecendo também da intencionalidade que pode ser colocada pela instituição acumuladora daquele acervo. Sabendo que os documentos são representações das atividades de uma pessoa ou organismo, se tratando de Arquivos Pessoais temos apenas uma ideia turva do que pode representar cada documento.

Como resultado natural e necessário do processo que lhes deu origem, os documentos de arquivo obedecem a uma lógica puramente instrumental, ligada às demandas imediatas do ente produtor. Dessa condição decorrem

postulados que afetam, de modo similar, arquivos de instituições e pessoas: a necessidade de preservar a integridade do fundo e o sistema de relações que os documentos mantêm entre si e com o todo; o respeito à proveniência; a primazia do contexto sobre o conteúdo (ou do valor probatório sobre o valor informativo), nas operações de arranjo e descrição; e a impermeabilidade do arquivo em face de seu uso secundário (CAMARGO, 2009, p.28).

Portanto, percebemos que os arquivos pessoais são um desafio para os arquivistas, onde a organização destes documentos, devido à quantidade diferente de tipos de documentos e da existência de algumas características bem particulares dificultam o entendimento e as relações entre os documentos e as atividades geradoras; sendo muitas vezes tratados como coleções documentais e deixando de aplicar os princípios arquivísticos.

Neste trabalho, reconhecemos as dificuldades inerentes a esses arquivos, porém defendemos que os arquivistas devem manter em mente que adotar práticas arquivísticas na organização de fundos pessoais é imprescindível para compreensão e organização de forma coesiva, afinal:

[a organização arquivística] como meio de sanar desmembramentos e conseqüentemente, perda de característica dos documentos de arquivo, como a organicidade e sua proveniência, é de grande valia investir em meios que possam conscientizar as pessoas de sua importância social, e instruí-las de como proceder de maneira correta (FONSECA, 2015, p.8).

É por meio do arcabouço teórico da área que podemos organizar e até mesmo construir representações que possibilitam o uso e a preservação destes acervos. Portanto, o que buscamos apresentar nesta seção, foi que os arquivos pessoais precisam ser entendidos como arquivos para o desenvolvimento de sua organização e utilização, afinal:

[...] é preciso lembrar que o uso instrumental e primário desses arquivos cessa com a morte de seus titulares, ou a eles sobrevive muito pouco tempo, em termos jurídicos. Preservar o contexto funcional dos documentos, no caso, poderia parecer mero preciosismo, já que as razões de seu ingresso numa instituição de custódia são alheias às que presidiram à formação do arquivo, o que, a rigor, não ocorre com as instituições públicas, cujo modelo fundamentou o próprio desenvolvimento da ciência arquivística (CAMARGO, 2009, p.31).

### 1.3 A MEMÓRIA E OS ARQUIVOS PESSOAIS

Os Arquivos Pessoais podem ser entendidos como a memória registrada de uma pessoa e podem representar uma sociedade ou grupo a qual este se insere. Inicialmente os Arquivos Pessoais nascem com o objetivo de comprovação de direitos, deveres e para formação de provas de si.

Os arquivos servem para provar, lembrar-se, compreender e identificar-se. Provar seus direitos é uma utilidade jurídica e judiciária. Lembrar-se é uma utilidade de gestão. Compreender é uma utilidade científica de conhecimento. Identificar-se pela transmissão da memória é uma utilidade social (DELMAS, 2010, p.21).

No entanto, após estes documentos pessoais cumprirem seu valor primário, eles podem se tornar parte da memória desta pessoa, que para ser definida muitas vezes depende destes registros para sua afirmação e perpetuação na história.

[...] por medo do esquecimento, na tentativa de registrar o que vivemos, muitos buscam a escrita. Sim, todos fazemos isso em situações diferentes: o profissional que anota em sua agenda seus muitos compromissos para poder honrá-los e comparecer à hora e local combinados; a dona de casa que faz a lista de compras para o mercado e o estudante que anota o trabalho de casa (VILLAR, 2016, p.503).

Percebe-se assim que quase todos os momentos e atividades da vida são registrados, conforme foi observado por Artiéres (1998, p.9-10), a maioria das atividades dos indivíduos, passam por um pedaço de papel, e requerem uma anotação ou um recibo; não importa o suporte, às vezes em maior ou menor quantidade, mas sempre estamos produzindo registros do que fazemos e vivemos. Porém, ainda segundo o autor, o que fica para história de nossa memória é apenas uma parte ínfima do que é registrado.

Quando falamos sobre o que desaparece durante a vida em relação aos Arquivos Pessoais, Artiéres (1998, p.10) sugere que a perda de documentos é inevitável, assim como a organização e triagem que fazemos interfere em nosso acervo final. Como dito por Pollak (1992, p.204), a imagem adquirida e transmitida de uma pessoa para sociedade é construída por ela própria e como quer ser vista por este grupo.

Passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros [...] Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência (ARTIÉRES, 1998, p.10-11).

Nesse sentido, ao falarmos de arquivos pessoais e sua capacidade de representar o indivíduo na sociedade, também devemos nos lembrar que o medo do esquecimento fez com que muitas pessoas influentes na sociedade criam registro de si mesmas.

Levando em consideração que todo investimento na construção de um legado segue um padrão geral que confere protagonismo à ação do personagem ao qual se associa, ou seja, partindo da premissa de que existe sempre uma centralidade atribuída à sua trajetória, seria possível distinguir formas diferentes de evocação da memória. (HEYMANN, 2011, p.92).

A Memória registrada de forma intencional não se limita apenas às pessoas de *status* social considerados importantes, de acordo com Artières (1998, p.31) “[...] arquivar a própria vida não é privilégio de homens ilustres (de escritores ou de governantes). Todo indivíduo, em algum momento da sua existência, por uma razão qualquer, se entrega a esse exercício”.

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo. (ARTIÈRES, 1998, p. 31).

Como podemos perceber, produzir, armazenar e organizar arquivos pessoais, nem sempre é um ato imparcial; de acordo com Campos (2013, p.153) o caráter pessoal do acervo, assim como as atividades desenvolvidas pelo sujeito durante a criação de tais documentos deve ser levada em conta para preservar a contextualização de cada documento, objetivando seu adequado acesso durante a organização.

O que pretendemos elucidar neste capítulo é que os arquivos, e também os Arquivos Pessoais se inter-relacionam e fazem parte da memória. O movimento social de criar documentos como forma de comprovar direitos e guardar lembranças acaba se tornando, também, parte da memória de uma sociedade; essas memórias não fundamentam apenas a identidade individual de cada pessoa, mas principalmente a identidade de um grupo.

## **CAPÍTULO 2 ARQUIVOS PESSOAIS EM AMBITO DIGITAL E REDES SOCIAIS DA INTERNET**

### **2.1 O QUE PODEMOS ENTENDER POR ARQUIVOS DIGITAIS?**

Nos dias atuais, cada vez mais vemos que os registros científicos, culturais e pessoais são feitos em ambiente digital. As novas tecnologias trouxeram a facilidade para produção, disseminação e acesso à informação. Além da economia de espaço para armazenamento, ela promove o acesso remoto às informações desejadas. Estes processos se tornaram cada vez mais rápidos com o avanço da tecnológica, causando até por vezes certa dependência dela. Porém hoje ela inevitavelmente esta presente em múltiplas áreas de atuação e pode influenciar nos processos de cada uma delas e a Arquivologia não se exime disto.

Hoje em dia, inegavelmente, a tecnologia está presente na vida das pessoas. Os avanços da informática, dos computadores e de outras formas de tecnologia têm exercido efeito significativo também na vida das organizações. É difícil encontrar qualquer forma de organização ou de processo organizacional que não tenha sido alterado por novas tecnologias (ROSINI; PALMISANO, 2003 apud FLORES; SANTOS, 2015, p. 168).

Não apenas falando em ambientes empresariais ou institucionais, as novas tecnologias e o avanço da internet viabilizaram uma maior possibilidade à disponibilização e acesso a informação, inclusive de cunho pessoal.

Nesse sentido, a produção e disponibilização de periódicos científicos, no ambiente web proporcionam novas formas de acesso aos conteúdos, de maneira mais rápida, dinâmica e menos onerosa, além das facilidades de editoração, auto-arquivamento e o movimento do acesso aberto (ARAUJO, 2015, p.15).

Mas o que seriam estes registros digitais? Segundo o Dicionário de Terminologia Arquivística (2013) um documento digital é um “documento codificado em dígitos binários, acessível por meio de sistema computacional”. Devemos entender que documento digital e documento eletrônico são coisas diferentes. O documento eletrônico, segundo o Glossário de Documentos Arquivísticos Digitais (2014) é a “informação registrada, codificada em forma analógica ou em dígitos binários, acessível e interpretável por meio de um equipamento eletrônico”. Devemos nos lembrar então que documentos eletrônicos são todos os documentos que precisam de uma ferramenta para seu acesso, sejam eles analógicos ou codificados em dígitos binários, não são necessariamente criados em ambiente digital, enquanto documentos digitais são produzidos por sistemas computacionais e codificados em dígitos binários, ou

seja, todo documento digital pode ser entendido como eletrônico, porém documentos eletrônicos não são necessariamente digitais.

De acordo com Duranti e Preston apud Rondinelli, (2011, p.225-226) um documento é entendido como sendo uma “unidade indivisível de informação constituída por uma mensagem fixada num suporte (registrada) com uma sintaxe estável”, ou seja, para ser reconhecido como um documento é necessário ter “forma fixa e conteúdo estável”. Sabemos que existem diferentes visões do que se pode caracterizar um documento, porém entendendo um documento como uma forma fixa nos faz sentido para configurar sua função de prova, depois de criado, ele não pode se modificar ou a cada modificação ela deve ser registrada. Sua estabilidade e por consequência seu poder de reconstruir e demonstrar uma atividade nos são características importantes na Arquivologia.

A clássica definição para o documento de arquivo, de acordo com conhecida como Lei de Arquivos – Lei 8.159 de 1991 é:

[...] conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos (BRASIL. Lei 8.159/1991, art. 2º).

Nesse sentido, a definição de documento de arquivo, exposta na legislação brasileira, não especifica nem restringe o reconhecimento deste somente ao documento em formato papel. De acordo com o arquivista francês Bruno Delmas (2010) existe certa conformidade internacional no que tange a definição do que é documento arquivístico. Segundo o mesmo autor, de acordo com a legislação da França de 1979 estes documentos são:

[...] independentemente de data, suporte, forma ou local de conservação são aqueles solidariamente produzidos ou recebidos por qualquer pessoa física ou jurídica, pública ou privada, no exercício de suas atividades, acumulados e organizados em consequência dessas mesmas atividades, e conservados para eventuais usos futuros (DELMAS, 2010, p. 56).

Além das características físicas do documento e de estabilidade de seu conteúdo, também deve-se lembrar que os documentos são produzidos a partir das atividades, eles são fruto de ações que ocorreram, tanto para instituições privadas e públicas, estes documentos são essenciais para prosseguimento das atividades, inclusive lidar com ocorrências burocráticas. Devemos entender que estas funções não eximem pessoas privadas disto, a produção de documentos privados também se dá pelas ações do homem no seu dia a dia, não obstante de suas obrigações e deveres com a sociedade.

Vale ressaltar que ainda segundo o autor, podemos especificar o que é um documento pessoal. Afinal para Delmas (2010, p. 56-57).

Não é qualquer documento que pode ser qualificado como de arquivo. O documento de arquivo é o instrumento de uma ação e, como tal, possui três qualidades: ele é necessário, pessoal e preservado. **Na maioria das vezes, os arquivos são resultantes das atividades públicas ou privadas que acompanham a vida cotidiana dos indivíduos, das administrações públicas, das empresas** (DELMAS, 2010, p. 56-57, grifo nosso).

Conforme foi possível observar anteriormente neste trabalho, os arquivos pessoais são entendidos como documentos produzidos e acumulados por pessoa física em variados suportes. Estes mesmos documentos não possuem especificações para sua produção, ou seja, conforme definido Oliveira (2009) eles não são regulados por regimentos ou normas, portanto criam um conjunto documental bastante variado. Com o avanço das tecnologias de informação, podemos perceber um grande aumento na produção de documentos digitais, dado constatado por Costa (apud Rondinelli, 2007, p.36), que afirma já ser possível perceber certo desaparecimento da correspondência de caráter pessoal de forma acentuada em arquivos pessoais contemporâneos. Isto resulta tanto das novas relações do indivíduo com o seu tempo e das mudanças de comportamento que decorrem das transformações a partir do desenvolvimento e uso cada vez mais frequente de novas tecnologias (inicialmente o telefone, e mais recentemente, o correio eletrônico, o Facebook, o Whatsaap, etc.).

Portanto, percebemos que as mudanças ocorridas com os documentos, a partir da inserção das novas tecnologias no cotidiano social, não excluiu os documentos pessoais deste meio, arquivos pessoais passaram então a ser produzidos e enviados e recebidos também para este ambiente, ampliando ainda mais sua tipologia e suporte.

Portanto, indivíduos, assim como instituições, produzem e acumulam documentação provenientes de ambientes eletrônicos em forma digital. Conforme já comentamos os documentos eletrônicos além da necessidade de um equipamento eletrônico para sua reprodução, sofrem com o rápido surgimento de novas tecnologias e a substituição existente, por exemplo, atualmente facilmente podemos encontrar em arquivos de músicos, para além de suas partituras, composições produzidas em suporte de papel, também possam existir mídias sonoras e visuais em seu acervo, que sofrem com a obsolescência destas mídias.

[...] no ambiente digital a novidade vai além da peculiaridade do suporte. Na verdade, nesse novo ambiente, o documento foge totalmente aos padrões mais conhecidos como a linguagem alfabética, registrada em papel e de leitura direta bem como sua relação inextricável com o suporte. No mundo digital tudo é codificado em linguagem binária que para se tornar acessível aos olhos humanos, precisa da intermediação de programas computacionais

igualmente codificados em bits, numa sofisticação tecnológica que passa despercebida à maioria dos usuários (RONDINELLI, 2011, p.223).

Para que estes documentos não se percam é necessária uma maior preocupação com sua produção e sua organização, por serem documentos arquivísticos também precisam definir seu contexto interno e externo, mantendo sua organicidade para maior entendimento dos objetivos do produtor, assim como os documentos de suporte ditos “tradicionais”; principalmente se tratando de documentos pessoais.

Nenhuma ação se compõe de um único passo, e sim de uma sucessão deles; além disso, nenhum passo é isolado e independente daqueles que o precedem ou daqueles que o sucedem. Ocorre o mesmo com os documentos que, produzidos para viabilizar determinada ação, representam os gestos necessários ao seu cumprimento, documentos igualmente indissociáveis daqueles que os precedem e daqueles que os sucedem: requisição de compra, cotação de preços, cadastro do fornecedor, processo de licitação, nota de empenho etc. Assim, os documentos de arquivo pertencem a conjuntos solidários organizados segundo as necessidades de cada ação, e não por uma escolha arbitrária. Formam conjuntos orgânicos (DELMAS, 2010, p. 58).

De acordo com Araujo (2015, p.15), um grande desafio que surgiu a partir destas novas formas de produção de documentos, é a custódia da memória científica das instituições e a produção de estratégias eficazes para guarda e armazenamento seguro. Ao falarmos de instituições podemos ver grande preocupação dos teóricos da Arquivologia e de parte da Administração, porém no que diz respeito aos documentos pessoais, percebemos como ainda são pontuais essas pesquisas.

Fato esse que contradiz que o observamos atualmente em nossa realidade, uma vez que hoje, a maioria dos nossos registros de memória são produzidos em ambiente digital, em um fluxo crescente sem precedentes. Nesse sentido, é preocupante a pouca atenção dada a esse fato por parte dos profissionais de arquivo, responsáveis pelo tratamento de arquivos pessoais.

A digitalização de nossas memórias e a produção de novas informações já em meio digital aliadas à fragilidade e à complexidade de manutenção dos arquivos em ambiente virtual nos leva a criar um novo conceito ameaçador para o mundo contemporâneo, denominado de amnésia digital. Essa forma de amnésia ou febre mnemônica, metaforicamente no dizer de Huyssen, seria causada pelo cibervírus da amnésia que, de tempos em tempos, atacaria a memória (DODEBEI; GOUVEIA, 2008, p.2).

Esta, portanto, torna-se uma problemática urgente nas agendas de pesquisa da área. De acordo com O’Meara (2015) este assunto se tornou cada vez mais frequente em conferências de arquivistas revelando seus problemas ao lidar com documentação digital, em questões de gerenciamento e preservação. A autora ainda nos recorda que ao produzirmos e acumularmos

documentos digitais não nos preocupamos com seu acesso e recuperação, afinal o grande público não conhece técnicas arquivísticas.

No entanto, para ser considerado de fato arquivístico, um documento digital de acordo com Rondinelli (2013, p.17) precisa possuir as seguintes características: forma fixa e conteúdo estável, conforme já comentamos, “relação orgânica, contexto, ação e cinco pessoas (autor, redator, destinatário, originador e produtor) ou ao menos as três primeiras”. Sendo estas características definidas na tabela a seguir:

**Tabela 1 – Definição de características de um documento arquivístico.**

<b>Relação orgânica</b>	Vínculos que os documentos arquivísticos guardam entre si e que expressam as funções e atividades da pessoa ou organização que os produziu.
<b>Contexto</b>	Ambiente em que ocorre a ação registrada no documento. Na análise do contexto de um documento arquivístico, o foco deixa de ser o documento em si e passa a abranger toda a estrutura que o envolve, ou seja, seu contexto documental, jurídico-administrativo, de procedimentos, de proveniência e tecnológico.
<b>Ação</b>	Ato da produção do documento em si.
<b>Autor</b>	Pessoa física ou jurídica que tem autoridade e competência para emitir o documento arquivístico ou em cujo nome ou sob cujo comando o documento foi emitido.
<b>Redator</b>	Pessoa que tem autoridade e competência para articular o conteúdo do documento arquivístico.
<b>Destinatário</b>	Pessoa para quem o documento arquivístico é direcionado ou para quem se destina.
<b>Originador</b>	Pessoa designada no endereço eletrônico no qual o documento arquivístico foi gerado (isto é, do qual é enviado ou onde é compilado ou mantido).
<b>Produtor</b>	Pessoa a cujo fundo ou arquivo o documento pertence.

Fonte: Elaboração própria.

Portanto, conforme pode-se perceber além das qualidades relacionadas ao documento tradicional da Arquivologia, que segundo Heloísa Liberalli Bellotto são:

Imparcialidade (em sua criação): derivada do fato de que não foram criados para “dar contas” à posteridade. Os documentos administrativos são meios de ação e relativos a determinadas funções.

Autenticidade (nos procedimentos): ligada ao *continuum* da criação, tramitação, uso e guarda. Os documentos são criados dentro de procedimentos regulares estabelecidos pelo direito administrativo; se assim não fossem, não seriam adequadamente cumpridas as razões que lhe deram origem.

Naturalidade (na acumulação): os documentos não são colecionados e sim acumulados, naturalmente, no curso das ações, de maneira contínua e progressiva.

Organicidade (em seu relacionamento com outros documentos do conjunto): devido à interdependência entre os documentos do mesmo conjunto e suas relações com seu contexto de produção.

Unicidade (no conjunto): deriva de que cada documento assuma um lugar único na estrutura documental do conjunto (indissolúvel) ao qual pertence (BELLOTTO, 2002, p. 25).

O documento digital necessita ser estável, não sendo apenas uma informação esparsa, requer-se sua forma fixa para se constituir como documento. Garantir que o documento digital carregue estas características é mais um dos desafios da Arquivologia, por isso é necessário que a gestão destes documentos se faça desde sua fase de produção até a destinação.

Dessa maneira, na fase de produção de documentos eletrônicos, a preocupação estará focada em garantir a organicidade, a autenticidade, a naturalidade e, sobretudo, a unicidade, ou seja, o controle da produção dos documentos oriundos nesse contexto eletrônico. Sendo assim, haverá um cuidado especial para controlar o número de versões de um mesmo documento, devido principalmente à facilidade de se realizar cópias eletrônica de um mesmo item (NEGREIROS, 2007, p.51).

De fato, uma das grandes dificuldades para manutenção e autenticidades de chamados documentos em ambiente digital se dá em virtude de sua vulnerabilidade e maleabilidade, ou seja, estes documentos são passíveis de modificações constantemente pelos seus produtores ou usuários, o que dificulta ainda mais a identificação da proveniência<sup>7</sup> destes documentos, essenciais para a identificação. Além, é claro, da obsolescência tecnológica, pois nestes ambientes os avanços tecnológicos são cada vez mais rápidos, fazendo com que os programas necessários para acesso a estes documentos se tornem ultrapassados em pouco tempo. Nesse sentido, compete aos arquivistas um maior controle destes documentos, atividade essa nova no seu contexto de atuação e que em alguns momentos deve ser realizada em conjunto com profissionais de Tecnologia da Informação.

---

<sup>7</sup> Princípio básico da arquivologia segundo o qual o arquivo produzido por uma entidade coletiva, pessoa ou família não deve ser misturado aos de outras entidades produtoras. Também chamado princípio do respeito aos fundos (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p.136).

## 2.2 REDES SOCIAIS E O USO DA INTERNET

O indivíduo como um ser social e até mesmo dependente, criou formas de se associar uns aos outros por meio de grupos. Desde que fazemos parte de grupos sociais, estudiosos tentam definir seus conceitos e como eles são formados. As primeiras sociedades de que fazemos parte são as chamadas “sociedades disciplinares”, de acordo com Foucault apud Deleuze (1992, p. 219), são compostas primeiro por nossas famílias, depois a escola e finalmente o trabalho. Para o autor, “o indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis [...]”, ou seja, enquanto indivíduos que vivem em sociedade estamos sempre sendo inseridos em grupos sociais, seja por vontade própria ou não. Estes conjuntos sociais, ao se associarem são o que formam as chamadas redes sociais.

As redes sociais segundo Marteleto (2007) são o conjunto das unidades sociais relacionadas, sejam elas indivíduos, ou outras estruturas como associações e empresas também formam redes sociais entre si e de como estes se apresentam no grupo.

[...] a posição dos indivíduos nas redes sociais é interdependente em relação a todas as outras posições dos outros indivíduos e de seus elos. A função de uma relação depende da sua posição estrutural, o que é também verdadeiro para o status e o papel de um ator, resultando que uma rede não se reduz a uma simples soma de relações, pois sua forma interfere em cada relação (MARTELETO, 2007, p.13).

As redes sociais podem ser entendidas, inicialmente como “redes” no sentido de limitação e até mesmo de aprisionamento, como podemos ver de acordo com Sônia Cristina Vermelho, Ana Paula Machado Velho e Valdecir Bertoncello (2015, p.873), ou seja, essas “redes” nos compõem a uma estrutura fechada, sem opção de transcorrer desta para outra.

(...) à formulação da hipótese de trabalho de que o conceito de rede tem sua origem na natureza, e não na cultura. Ou seja, a construção do conceito teórico foi possível porque a natureza é constituída numa estrutura de rede. A rede, portanto, constitui-nos biologicamente. Esse aspecto foi central para a formulação do conceito abstrato de rede social. Posteriormente, com a linguagem, pôde ser formulado o conceito para expressar uma forma de organização social (VERMELHO; VELHO; BERTONCELLO, 2015, p.870).

Vemos então que rede social inicialmente é um conceito que se refere a algo fechado e limitado, podemos perceber que as primeiras sociedades, como citadas por Foucault anteriormente formam redes fechadas de socialização, mesmo que o indivíduo se desloque de uma a outra, ainda são organizações fechadas.

Essa questão foi colocada tendo como pressuposto que vivemos numa sociedade em que todas as instituições – com raras exceções – são

organizadas a partir de uma estrutura hierárquica: no trabalho, na família, na escola, no lazer etc. Desde a mitologia grega, história que remete às origens da formação e da construção dos conceitos do pensamento racional, privilegiou-se a ideia de uma organização social com hierarquia (VERMELHO; VELHO; BERTONCELLO, 2015, p.873).

Podemos perceber também que estas formas de redes sociais podem ser definidas de acordo com que elas influenciam na individualidade de cada um, elas não são vistas como grupos em sua forma geral, ou indivíduos, elas se formam e dependem da interação de pessoas que dela participam e como participam.

A noção de redes sociais designa em geral um conjunto de métodos, conceitos, teorias e modelos das ciências sociais, com diferentes matizes disciplinares e epistemológicos, que conservam princípios comuns entre eles. O mais geral desses princípios consiste em considerar como objetos de estudo não os atributos dos indivíduos (idade, profissão, classe, social, etc), mas as relações entre eles e as regularidades que apresentam a fim de descrevê-las, dar conta da sua formação e de suas transformações, analisar os seus efeitos sobre os comportamentos individuais (MARTELETO, 2007, p. 2).

Voltando ao que foi apontado pelos autores Vermelho; Velho e Bertoncello entende-se que as tecnologias vieram para auxiliar e inclusive completar o ser humano de diversas formas, como com o uso de calculadoras e automóveis. Em suas pesquisas, os autores nos recordam que mesmo tendo sido criados com propósitos econômicos e de certa forma como de controle, nesse contexto as tecnologias influenciam nas organizações e na comunicação das redes sociais acima descritas.

Com o advento da internet a partir dos anos cinquenta e seu uso comercial e difundido ao grande público nos anos oitenta, os meios de comunicação tomaram uma forma mais rápida e precisa ao redor do mundo, dando acesso a milhares de pessoas à troca de informação e conteúdo. Isto afetou a forma como vivemos em sociedade, inclusive suas configurações nas grandes cidades urbanas.

Durante a década de setenta, com a revisão das limitações dos programas utilizados nos computadores em rede, o e-mail (*eletronic mail*) tornou-se o primeiro uso da Internet entre os pesquisadores, porque possibilitava que a comunicação entre eles fosse facilmente acessível, e também para trocar informações dentro das universidades. As aplicações comerciais da Internet começaram a acontecer nos anos oitenta com os primeiros provedores de serviço da Internet (ISP – *International Service Providers*) possibilitando ao usuário comum a conexão com a Rede Mundial de Computadores, de dentro de sua casa (MERKLE; RICHARDSON, 2000 apud OLIVEIRA, 2007, p.39).

A partir do surgimento destas tecnologias, as redes sociais se estenderam ao mundo digital, então formadas as redes sociais digitais, estas que proporcionaram uma forma horizontal de interação entre os grupos sociais, onde não há (a princípio) uma estrutura hierárquica nestas relações.

O que a nova geração da internet possibilitou foi um uso coletivo e aberto: qualquer pessoa com pouco conhecimento de informática pode inserir, criar e retirar conteúdos da rede. Esse uso social sem passar por níveis hierárquicos é que marca um novo momento, que ficou conhecido como a Web 2.0 (VERMELHO; VELHO; BERTONCELLO, 2015, p.875).

Esta ideia de horizontalização das comunicações nestas configurações de redes sociais nos possibilita observar que há uma gama de possibilidades que são dadas aos indivíduos com acesso à internet, vemos que hoje qualquer pessoa que tenha esse acesso pode ter sua página na internet e criar publicações e discussões, também entendemos que segundo Castells (2003) a internet também pode ser usada como um meio de controle e poder das autoridades, onde o poder se dá pela difusão ou falta de informações e/ou controle das mesmas. Nas redes circulam informações e pensamentos dos usuários como meio de comunicação, mas também podem estes servir como fundadores de ideias e ideologias que constantemente podem se tornar movimentos sociais fora das redes.

Nos relacionamentos por meio das redes sociais digitais, é possível falar em compartilhamento, em coletividade de iguais; nos demais espaços, não é possível, pois na sociedade predomina a competição e o individualismo. A contradição se expressa, portanto, entre a experiência na sociedade, que é marcada por uma estrutura hierárquica, e aquela vivida nas redes sociais digitais, que é oposta à hierarquia. (VERMELHO; VELHO; BERTONCELLO, 2015, p.877).

Podemos ver que com o surgimento da internet e por consequência de suas formas de comunicação instantâneas, surgiram novas formas de relacionamentos e das representações de si, que segundo Oliveira (2007, p.47) são representações que cada individuo cria de si para se mostrar ao mundo.

O que o ciberespaço traz de novidade é sua própria natureza interativa e esta mesma interatividade o transformou em uma realidade psicológica e social. Para o mesmo autor, o ciberespaço é um lugar onde pessoas reais têm interações reais com outras pessoas, enquanto podem moldar, ou até mesmo criar, as suas próprias personalidades e as de outras pessoas (BEN ZE'EV, 2004 apud OLIVEIRA, 2007, p.41).

Nesse sentido, a internet, torna-se um lugar receptivo para que as pessoas possam se representar, por meio das redes sociais, indivíduos com os mesmos gostos, objetivos, ideias e etc, se relacionam e trocam informações.

As comunidades virtuais pressupõem que existam relações entre seus membros, ou seja, uma interatividade, com uma troca constante de informações. Deve haver ainda, uma variedade e estabilidade de comunicadores fazendo parte da comunidade. E por fim, que haja a sensação de permanência e de pertencimento por parte dos usuários. Estas são condições necessárias para a existência e permanência de uma comunidade virtual no ciberespaço (OLIVEIRA, 2007, p.43).

É pressuposto então que as redes sociais virtuais são uma extensão dos grupos sociais já existentes fora deste ambiente da internet e que estas pessoas que dela fazem parte se sintam a vontade de trocar e receber informações entre elas; a fim de manter ou até criar relações neste espaço. Estas formas de socialização nos interessam pelo fato da possibilidade de cada um que tenha acesso a um computador ou até celular conectado a internet possa criar informações de diferentes tipos e formas. Estas diferentes formas de registro de informações e possivelmente de memórias são o que manifestam nossa inquietação neste trabalho, que parte de questões como: existem metodologias de armazenamento para este tipo de documento? Como estes registros feitos nas redes sociais digitais poderiam ser preservados a longo prazo? Entendendo estas manifestações como memórias de uma pessoa, podemos classifica-los como arquivos pessoais?

Quando discutimos sobre a relação entre memória e internet, não podemos deixar de abordar os processos de registros de narrativas sobre o passado, seja através de textos ou de imagens postadas nos sites, blogs ou nas redes sociais. Em primeiro lugar, podemos fazer uma breve digressão sobre o fenômeno das narrativas. As pessoas normalmente narram suas histórias de forma a montar um mosaico da sua própria vida (HENRIQUES, 2014, p.53).

Percebemos então, que estes registros feitos nas redes sociais não são apenas textos criados para fins de troca de informações, mas também são sujeitos a fazer parte de uma memória, a transmissão de sua visão do mundo ou de um acontecimento feita durante sua vida não deve ser negado como de grande importância para a vida pessoal de um indivíduo. Não pretendemos aqui discutir se estas formas de registro são de teor arquivístico ou não, porém é inegável que ao ignorar estas informações pode-se negar de fato parte da vida de uma pessoa, afinal, as narrativas de vida não dependem apenas da fala ou de textos, mas de como eles são criados e do que cerca estes registros.

### 2.3 ARQUIVOS PESSOAIS DIGITAIS E REDES SOCIAIS DA INTERNET

Percebemos que o ser humano tem tendências a se perpetuar para a posteridade desde o início da formação de grupos e sociedades<sup>8</sup>. Desde o surgimento da escrita ocidental, o uso de imagéticos para representações de ideias, como vemos em ideogramas chineses e até mesmo em desenhos rupestres para indicar o acontecimento de uma atividade. O homem se identifica em seu meio social e decide registrar aquilo em algum lugar para algum fim. Com o passar dos tempos o homem adquiriu novas formas de produzir seus registros, pois enquanto a passagem de histórias oralmente já não fora mais o suficiente, o homem começou estes registros em suportes; os textos começaram por meio de escrita a mão, posteriormente a máquina de datilografia e atualmente quase que exclusivamente produzimos textos em formato digital, escrito por meio do uso de computadores e celulares.

Esses registros funcionam como uma forma externa da memória, a partir do momento que essas não poderiam mais ser lembradas e repassadas apenas por meio da oralidade, em forma de recordações, ou seja, elas precisariam de um suporte que servisse como forma de relembrar o que havia acontecido. De acordo com Dodebei e Gouveia (2006), a tecnologia da escrita permitiu o acúmulo destes acontecimentos em textos, criando assim uma ferramenta auxiliar da memória – os documentos.

Essas memórias artificiais e documentárias constituíram bibliotecas e arquivos. Se ampliadas as formas de registro às imagens bidimensionais, como a fotografia e em movimento ou sonoras, como o cinema e a música vemos a criação de acervos fotográficos cinematecas, fonotecas. Da seleção dos objetos que circularam nas sociedades primeiras ou primitivas e nas sociedades urbanas e plurais formaram-se os museus como hoje os conhecemos (DODEBEI; GOUVEIA, 2006, p.3).

Retomando o que discutimos acima, o surgimento da internet e seu amplo acesso, assim como o grande uso das redes sociais digitais impulsionaram a existência de uma nova ferramenta de produção destes alicerces da memória. Nesse sentido, hoje é comum que agendas e blocos de anotações sejam substituídos por mecanismos digitais, como um celular por exemplo. Também em algumas situações, a fotografia não é exclusiva ao uso de câmera à filme fotográfico, ou seja, a possibilidade de utilização de novos instrumentos, modifica as formas/suportes documentais.

A nova história alterou a concepção de documento e, conseqüentemente, a própria função das instituições arquivísticas, que passaram de “depósitos de

---

<sup>8</sup> É importante destacar que – por opção teórico-metodológica – quando nos referimos no âmbito deste trabalho a sociedade estamos apenas pensando na sociedade urbana contemporânea.

atos oficiais” para tornarem-se “[...] instituições destinadas a recolher, organizar, conservar e tornar acessíveis os documentos da memória coletiva. [...] captada [...] menos nos textos e mais nas palavras, nas imagens e nos gestos.” (MIGUEL, 1993 apud GONÇALVES; ALBUQUERQUE, 2015, p.53).

Como vimos, de acordo com os autores acima, as novas formas de produção e acumulação de documentos nos trazem novas problemáticas no campo da Arquivologia. Vale ressaltar também, outra situação impulsionada pelas novas tecnologias e que torna-se um desafio aos profissionais – a quantidade de documentos produzidos por esses mecanismos, considerados mais dinâmicos, rápidos e de fácil movimentação.

As memórias digitais encontram-se um a linha tênue entre a lembrança e o esquecimento. Registros feitos em ambiente digital, principalmente nas redes sociais, onde a intenção é no sentido de troca, as informações são rapidamente descartadas após seu uso informativo. Essa facilidade de produção e descarte em documentos digitais nos dá, segundo Mello e Silva, a liberdade, que é característica de arquivos pessoais, que se tratando de documentos digitais, o descarte é feito com muito mais facilidade do em suporte de papel, por exemplo.

Com toda a liberdade da ação, os arquivos pessoais podem conter uma gama enorme de documentos, objetos (ou artefatos em geral), com as mais variadas características. E isso inclui documentos digitais, frutos de momentos de lazer (por exemplo, fotografia), ou de trabalho (por exemplo, textos escritos em um laptop), ou mesmo no âmbito das relações sociais (como convites ou correspondências feitos por meio eletrônico) (SILVA, 2013, p.456).

Portanto, percebemos como o novo cenário, orientado pelo uso das tecnologias digitais, altera as formas de produção e acumulação dos documentos pessoais, e nos levam a questionar como será o papel do arquivista para a preservação e acesso a estes documentos; já que as novas tecnologias possibilitaram formas diferentes de produção documental. Como já vimos, a história modificou a forma de trabalhar e a função dos arquivos, o que queremos questionar agora é se esse não seria o momento para uma melhor adaptação as novas formas de documentar.

### 3 RELACIONANDO REDES SOCIAIS DA INTERNET E ARQUIVOS PESSOAIS DIGITAIS

#### 3.1 DEFININDO O QUE SÃO AS REDES SOCIAIS DIGITAIS

Percebemos que com as novas tecnologias, a comunicação e a socialização em massa se deu de forma exponencialmente ao redor do mundo. Nas atuais cidades urbanas o uso das redes sociais da internet fazem cada vez mais parte do cotidiano das pessoas.

A internet foi um advento que surgiu em meados dos anos cinquenta, no século XX, período esse, marcado pela Guerra Fria (evento que se segue a Segunda Guerra Mundial). Neste período, se iniciou o que teóricos chamam de “corrida espacial”, onde a então União Soviética e Estados Unidos encenaram uma disputa tecnológica a fim da conquista espacial, mas também de produzir formas mais modernas de armamento de defesa.

Assim como o período da II Guerra Mundial foi marcado pelo desenvolvimento dos computadores eletrônicos como ferramentas de processamento de cálculos matemáticos destinados aos problemas de balística e de decifração de códigos criptografados, os anos da Guerra Fria marcaram o avanço desse escopo [a internet], introduzindo os computadores como ferramentas de comunicação e controle de informações (EDWARDS apud CARVALHO, 2006, p. 6).

Após o lançamento do satélite Sputnik<sup>9</sup> pelos soviéticos, o Departamento de Defesa americano criou a agência militar de pesquisas, então chamada ARPA (Advanced Research Projects Agency), para prevenção de possíveis ataques tecnológicos. Desta organização então surgiu o programa ARPANET (Advanced Research Projects Agency Network), que objetivava a conexão de computadores da ARPA por meio de comutação de pacotes<sup>10</sup>. Esta transmissão de informações por meio de pacotes foi o primeiro uso da atual internet.

A partir dos anos setenta o primeiro uso da internet moderna foi a partir da criação do e-mail<sup>11</sup>, utilizado então apenas nas universidades por pesquisadores que auxiliavam nos estudos feitos pelo Departamento de Defesa americano.

No final dos anos oitenta e principalmente nos anos noventa, a internet se popularizou, a partir de sua comercialização, seu uso, cresceu rapidamente, tornando-se um dos principais

---

<sup>9</sup> Lançamento do primeiro ser vivo ao espaço (a cadela Kudriavka, da raça Laika) em outubro de 1957.

<sup>10</sup> Nas redes de computadores baseadas nessa técnica, a informação é dividida em pequenas partes (pacotes) antes de ser enviada. Cada pacote carrega o endereço de origem e o de destino, sendo que os pacotes viajam pela rede como unidades independentes de informação, podendo tomar rotas diferentes até o computador de destino, onde são reordenados e checados e a informação é então reconstituída (CARVALHO, 2006, p.11).

<sup>11</sup> Eletronic mail (correio eletrônico).

meios de comunicação contemporâneos, estando atualmente presente no dia a dia de milhões de usuários.

O público geral tinha acesso aos telefones e às redes de televisão (cabo e satélite) em muitas localidades, porém os sistemas de televisão eram feitos para distribuir informação (programada) apenas em uma direção e a rede telefônica, apesar de bidirecional, apenas transportava conversação entre pessoas. As redes de computadores, por sua vez, eram capazes de, em uma mesma infra-estrutura, oferecer comunicação de diversos tipos de informação sob várias formas (CARVALHO, 2006, p. 34).

Com estas novas capacidades de comunicação e interação entre seus usuários, a internet possibilitou que não apenas fosse um meio informativo (como a televisão ou o rádio, por exemplo), mas também um meio de comunicação e interação social.

Com tal expansão, a Internet ganhou milhares de usuários ao redor do mundo, que podiam a partir de então, buscar - sem sair de suas casas - novas informações antes inacessíveis, através de pesquisas online e conhecer novas pessoas neste novo lugar chamado ciberespaço (OLIVEIRA, 2007, p.40).

A possibilidade de interação social obtida a partir da internet difundida pelo mundo criou meios para facilitar estas comunicações, de modo que (instantaneamente) fosse possível a troca de informações entre usuários e criação de novos relacionamentos por meio digital.

Como podemos perceber o ser humano é sociável e cada vez mais busca formas de se comunicar, as redes sociais digitais surgiram a partir dessa necessidade de comunicação entre os usuários. Inicialmente a comunicação era feita através do e-mail, posteriormente pelos sites de chat<sup>12</sup> e os programas de conversação em tempo real como ICQ<sup>13</sup> e MSN<sup>14</sup>.

Com o passar dos anos e a necessidade de uma comunicação mais interativa foram elaborados novos sites de relacionamentos interpessoais, que chamamos de redes sociais da internet.

As redes sociais com o passar dos anos foram se adaptando as necessidades e exigências de seus usuários. Logo então surgiram novas formas de redes sociais como conhecemos hoje, o Orkut, Facebook, Twitter e Whatsapp, das quais falaremos mais a frente. A partir de então, também surgiram as redes sociais para conteúdo específico, como o LinkedIn (usado para compartilhar currículos e oportunidades de emprego), o Myspace (com

---

<sup>12</sup> Chat do inglês “bate-papo”, “conversa”. Sendo o site que possui serviço de chat mais popular no Brasil o UOL, criado em 1996 pelo Grupo Folha como portal de conteúdo online.

<sup>13</sup> ICQ é um programa de comunicação instantânea criado em 1996 pelo grupo Mirabilis.

<sup>14</sup> MSN Messenger foi um programa de comunicação instantânea criado pela Microsoft Corporation em 1999. O Programa foi extinto em 2012, sendo substituído oficialmente pelo Skype.

o foco na música, utilizado inclusive por artistas conhecidos mundialmente) e o Formspring (baseado em perguntas e respostas a seus usuários).

Dentre as redes sociais digitais mais usadas no mundo está o Facebook com 2 bilhões de usuários, o Whatsapp com 1,3 bilhão, o Messenger com 1,2 bilhão, o Wechat com 938 milhões e o Instagram com 700 milhões. No âmbito deste trabalho utilizaremos apenas como exemplo ilustrativo as redes sociais mais utilizadas no Brasil, segundo o Conecta do grupo IBOPE<sup>15</sup> que serão descritas a seguir:

**Tabela 2 – Redes sociais mais utilizadas no Brasil**

Whatsapp	Rede social criada em 2009, baseada principalmente em conversas de tempo real; tem seu início com objetivo da substituição de mensagens de texto, porém ampliou sua configuração para suportar envios de fotos, vídeos, arquivos, localização e fazer chamadas de voz e vídeo. Possibilita a criação de grupos de conversas com várias pessoas.
Facebook	Rede social criada em 2004, seu lema é “dar as pessoas o poder de construir comunidades e aproximar o mundo.” <sup>16</sup> Seus recursos são: criar perfis de usuários e adicionar outros usuários como amigos, “curtir” páginas que publicam material de seus interesses e/ou artistas, criação de eventos (planejamento de eventos com amigos ou interessados), criação de grupos (grupos com pessoas seletas para discussão de algum assunto a fim ou compartilhamento de informações de interesse coletivo), bate-papo individual com outro membro da rede-social ou grupos fechados para troca de mensagens, publicações em texto, fotos, vídeos ou até mesmo ao vivo, incluindo compartilhamento de publicações de outros usuários ou páginas e comentários em cada publicação. É possível também interações feitas por meios de reações em cada publicação ou comentários feitos nela.
Instagram	Criada em 2010, o Instagram foi criado inicialmente apenas para publicação de fotos e vídeos, com possibilidade de edição; atualmente conta com a funcionalidade de chat individual e publicações temporárias, assim como vídeos feitos ao vivo. É possível criar um perfil usuário e a partir dela “seguir” outros perfis para acompanhar suas publicações e acesso à conversa privada.

<sup>15</sup> Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

<sup>16</sup> Missão do Facebook, 2017.

Twitter	Criado em 2006, é uma rede social no formato de microblog <sup>17</sup> para publicações curtas de até 280 caracteres. Possibilita a publicação de textos, fotos e vídeos; os usuários “seguem” outras contas para acompanhar suas publicações e ter acesso a conversas privadas. Também tem a possibilidade de recuperação de todas as postagens da conta por meio de download do arquivo.
---------	---

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos ver os exemplos de redes sociais digitais, existem várias formas e métodos de produção de informação nestes sites. Diariamente são feito registros de indivíduos em diferentes formatos e tipologias, por meio de textos, fotos e vídeos. Os objetivos que cada um tem ao divulgar seus pensamentos e informações diverge, mas não devemos negar isso como parte importante da vida de um pessoa e das pessoas que com ela convivem.

O estudo das redes sociais na Internet, assim, foca o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar **fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas**. (RECUERO, apud CANELAS, VALENCIA, 2012, p. 24 grifo nosso).

Além da relevância para o individuo produtor de conteúdo, não devemos esquecer do que estas informações podem promover em seu entorno social. Utilizando dos exemplos ilustrados acima, buscaremos entender como estes registros podem ser parte de uma memória, assim como entender como esses sites com possibilidades tão dinâmicas e diversas podem ser relacionados aos arquivos pessoais de suporte tradicionais, afinal, os arquivistas já tem grandes dificuldades no tratamento destes arquivos devido sua diversidade, como será agora se tratando desta nova forma de produção e acumulação?

---

<sup>17</sup> Microblog são blogs que se caracterizam por minúsculas entradas de texto que não ultrapassam três linhas.

### 3.2 REGISTROS NAS REDES SOCIAIS E A PRODUÇÃO DE MEMÓRIA

As redes sociais da internet hoje são uma das maiores ferramentas de comunicação entre as pessoas ao redor do mundo. É inegável que as tecnologias de informação se tornaram de grande ajuda para o saber, mas também para a desinformação. Este ambiente digital proporciona um universo horizontalizado onde todos os usuários podem inserir conteúdo e informações e seu perfil<sup>18</sup> *online*<sup>19</sup>.

Nas redes sociais, não existem apenas perfis de pessoas privadas, mas há também o espaço para perfis de instituições, onde são divulgados seus projetos e trabalhos. Esta ferramenta se tornou de grande uso na atualidade, a ponto de algumas redes sociais serem o porta voz oficial ou o principal para divulgações de eventos, lançamentos e propagandas em geral, esta forma atrativa de propagação se dá pelo fato de [...] as redes sociais se estabeleceram como lugares do ciberespaço destinados ao compartilhamento de narrativas construídas a partir de textos, fotografia, vídeos, animações, entre outras mensagens diversas (MARTINUZZO; REZENDE, 2014 apud DALMASO, 2015, p.3). Portanto podemos perceber que não apenas em perfis pessoais as redes sociais podem servir como parte de memória, mas também como memória de uma instituição, porém no âmbito deste trabalho, buscaremos, somente, entender as redes sociais da internet pelo viés pessoal e individual.

Nestes ambientes virtuais, são divulgados pensamentos, atividades, fotografias e etc., não somente aos nossos familiares e amigos, mas a pessoas diversas, que nos comunicamos a partir de um número infinito de correlações virtuais.

Cada vez mais conectados a estes espaços de expressão, nós socializamos nossas atividades cotidianas, mostramos os lugares que frequentamos, com quem estamos nos relacionamos, o que estamos assistindo, lendo, ouvindo, cozinhando, entre outras ações banais que vão construindo, assim, uma memória que é compartilhada, visível, dividida entre nossas conexões e exposta à interação (DALMASO, 2015, p.2).

O fato é, que essas representações cotidianas, são registros de nossas atividades e podem revelar parte de quem somos. O que caracteriza estes tipos de site é segundo Dalmaso (2015, p.2) a capacidade de tornar seu perfil visível á outros usuários nesta rede, trocando e recebendo informações entre si e ampliando contato com pessoas já conhecidas em seu dia a dia; acrescentamos que não somente são trocadas informações com conhecidos, mas há

---

<sup>18</sup> Perfil em uma rede social entendemos como a forma como ela se representa no site, seu usuário e sua página na internet.

<sup>19</sup> Online do inglês pode significar ligado/conectado, neste âmbito conectado as redes sociais da internet.

também a possibilidade de novos relacionamentos com pessoas ao redor do mundo de diferentes grupos sociais.

Como vemos de acordo com Dalmaso (2015) as redes sociais nos possibilitaram uma maior exposição da vida pessoal, criando hábitos de registrar tudo o que acontece, por meio de textos, fotos e vídeos; “tudo é relatado, assemelhando-se a um desejo de arquivar recordações, ainda que as dinâmicas das redes sociais tornem estes relatos efêmeros, fragmentados e diluídos em meio ao intenso fluxo de circulação de conteúdos nestes espaços” (DALMASO, 2015, p.4).

Estas memórias são criadas de modo praticamente instantâneo, com o avanço das tecnologias e aparelhos telefônicos com acesso remoto à internet, estes registros são feitos em grande escala e no momento em que acontece o ocorrido.

Essa memória do presente é uma memória efêmera e imediata, compartilhada em tempo real com seus amigos e familiares. Esta, que podemos chamar de memória compartilhada, seria uma espécie de memória imediata e ao mesmo tempo mediada pelo espaço virtual, o ciberespaço (DALMASO, 2015, p.5).

Estas memórias compartilhadas podem ser criadas em diversos formatos e mídias, os sites de redes sociais possibilitam diferentes formas de registros dependendo do que se quer expressar. Por exemplo, a rede social Instagram é utilizada apenas para o compartilhamento de fotos e vídeos, provocando a necessidade do uso imagético para seus registros; ainda é possível fazer publicações de curto prazo, caso não queira permanência daquele registro, ou seja, pode-se escolher o que se quer manter de si.

Somados, redes sociais, com imagens, registros, narrativas, que falam de pessoas e lugares, conectados à digitalização permanente de documentos, o mundo vive um tempo em que a memória organizada em rede constitui uma grande e larga memória (CUNHA, 2011 apud DALMASO, 2015, p.5).

Entendemos assim que as redes sociais não são uma via de mão única, como falado anteriormente. De acordo com Carvalho (2006), ela nos permitem que várias pessoas façam parte daquele registro, não é mais apenas um meio informativo, é uma criação de conteúdo pluralizada, onde pode haver vários autores para a mesma publicação.

O mais importante é o caráter multifacetado e coletivo da construção da memória, a retroalimentação permanente pelo abastecimento do novo e do passado que chega associado a formatos novos. O passado assume importância capital, como forma de confirmação do presente cada vez mais acelerado. Vivemos em plena reconfiguração do tempo presente, por

intermédio de uma memória que nunca esteve tão viva e em permanente atualização (CUNHA, 2011 apud DALMASO, 2015, p.6).

Vemos então que as diferentes redes sociais nos proporcionam diversas maneiras de produzir nossas memórias e decidir a partir delas o que ficará guardado ou não. Esta pluralidade de possibilidades de produção da informação também é uma das problemáticas que podemos apontar para arquivistas que se depararem com este tipo de documento, pois com esta variedade surgem novos desafios para o profissional que lida com documentos digitais devido suas características particulares.

Se por um lado, a formação de arquivos em ambiente digital apresenta uma série de vantagens no custo, produção, transmissão e acesso, por outro lado, implica documentos altamente sensíveis e manipuláveis, além de sujeitos à rápida obsolescência tecnológica e à fragilidade do suporte. (ABREU, p.34)

Documentos pessoais produzidos em ambiente digital ainda são de grande dificuldade para a Arquivologia mais moderna, pois além das problemáticas já encontradas em arquivos pessoais tradicionais, temos que pensar como defini-los nestes ambientes digitais onde a questão do público x privado esta entre uma linha tênue e o coletivo e pessoal por vezes não se dissociam? Como estas memórias podem ser preservadas para futuros acessos? Já temos métodos de arquivamento que supram as necessidades que os arquivos digitais nos exigem?

### 3.3 RECAPITULANDO NOSSO OBJETO

Como visto anteriormente, as novas formas de tecnologias<sup>20</sup>, encadearam novos processos para produção de informações, conseqüentemente de identificação, de comunicação e até mesmo a forma das sociedades se relacionarem; surgiram então novos paradigmas, não apenas para a Arquivologia, mas para as áreas de estudo da informação e da sociedade.

O que podemos ver de acordo com Souza Neto (2013, p.51) é que as lembranças podem ser entendidas como parte de uma das necessidades básicas do ser humano, como comer e beber. Afinal elas são parte do cotidiano do ser humano e de instituições.

Entendendo as lembranças e a produção de informação diária como algo necessário ao ser humano, podemos perceber que ao passar do tempo quanto mais oportunidades de criarmos registros, de nos identificarmos, mais nós produzimos e isto tornou o vínculo entre as sociedades mais estreito.

[...] enquanto seres sociais somos inseridos em uma “rede de sociabilidade” concretizada nos diários, cadernos de apontamentos, correspondências e lembranças, onde as relações de intimidade e amizade ficam registradas. A cada instante, estamos nos escrevendo enquanto indivíduos únicos pertencentes a uma teia social, buscando na individualidade e na pluralidade os mecanismos para a construção do que será lembrado (FERREIRA, 2004 apud OLIVEIRA, 2009, p.15).

O ser humano cria registros de suas ações e acontecimentos ao seu redor a todo tempo durante a vida, estes registros que acabam ficando para posteridade são os documentos, que por Boudieu apud Oliveira (2009, p.19) “[são formados pelo] conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história”.

Estes “relatos de história” documentados por pessoas no decorrer de suas vidas são o cerne dos arquivos pessoais falados neste trabalho.

[...] o arquivo pessoal pode ser percebido como um espaço habitado por seres sociais, capazes de sofrer e provocar mudanças, seres que, para terem evidências da própria existência, munem-se de certidões, carteira de identidade e fotografias e que, em uma dada sociedade hierarquizada, retratam-se por meio de uma profissão. Esta, por sua vez, para se legitimar produz diplomas, certificados, gerando assim novos documentos (OLIVEIRA, 2009, p.15).

A necessidade de se perpetuar, se identificar, inclusive fazer parte de um grupo, pode ser visto de forma mais evidente atualmente nos documentos digitais, não mais

---

<sup>20</sup> Entende-se por novas tecnologias o uso de máquinas eletrônicas (computadores, celulares, máquinas fotográficas, etc) para processo de produção de informação, afinal o surgimento da escrita também pode ser entendida como tecnologia.

principalmente entre os jovens, mas em todas as idades a produção de conteúdo digital se torna cada vez mais frequente.

O amplo uso de novas tecnologias e recursos facilita a criação de documentos no ambiente digital, pois economiza espaço físico, promove maior interação com o usuário e oferece acesso remoto na busca de informação (ARAUJO, 2015, p.15).

A produção de registros digitais, conforme falado anteriormente, se dá muitas vezes nos sites de redes sociais, criando uma enorme variedade de tipos de registros, que ainda nos são um desafio, pois a “lembrança e esquecimento, retorno e atualização são, assim, processos característicos da memória que se refletem também nos sites de redes sociais que ao atualizar memórias passadas estão também resignificando-as” (DALMASO, 2015, p.7).

Estas informações armazenadas em registros digitais podem auxiliar a compreensão da vida de um indivíduo, assim como a sociedade em que ele vive, estas memórias não devem ser ignoradas, afinal:

Segundo Beagrie (2005), os arquivos pessoais digitais ou as coleções digitais pessoais, como o autor se refere, são compostos de informações e conteúdos reunidos por indivíduos a partir de suas atividades privadas, de suas atividades profissionais e de sua relação com comunidades externas. Esses arquivos podem ser destinados ao consumo privado ou público e refletem tanto a persona privada quanto a persona pública do indivíduo.(ABREU, p.37)

Ainda de acordo com o autor, vemos que estes conjuntos documentais ao serem representações das ações cotidianas de um indivíduo, eles são de tamanha importância, pois são providos a partir de processos históricos e identitário da sociedade em que vive e como se registram; sendo possível perceber o impacto causado pelas novas tecnologias nas formas de armazenamento que se deu nas grandes cidades.

Vale destacar que algumas redes sociais digitais estão se preocupando com a memória criada pelo usuário. O Twitter e o Facebook, por exemplo, permitem o *download*<sup>21</sup>, de todos os registros feitos até então, no site, pelos usuários, incluindo, as publicações, fotos, vídeos, locais visitados, amigos conectados ao site, mensagens privadas e todas as informações que o usuário dispõe para o site. O Whatsapp, também, permite o *backup*<sup>22</sup> das conversas realizadas, incluindo os arquivos, fotos e vídeos compartilhados nele.

<sup>21</sup> Ato de baixar, instalar um programa ou arquivo em dispositivo via internet.

<sup>22</sup> Cópia de segurança de um sistema ou dispositivo que é armazenado em outro para fins de recuperação de dados, caso o dispositivo inicial tenha algum problema.

**Figura 1: Opção de solicitação de seu arquivo no Twitter.**

Selecione o seu país. Esta configuração é salva neste navegador.

Tweets com Vídeo  Reproduzir vídeo automaticamente  
Os vídeos serão reproduzidos automaticamente nas timelines no site do Twitter. Independentemente da sua configuração de reprodução automática de vídeos, vídeos, GIFs e Vines sempre serão reproduzidos automaticamente nos Moments. [Saiba mais.](#)

Timeline  Mostrar os melhores Tweets primeiro  
Os Tweets que são mais importantes para você aparecerão primeiro em sua timeline. [Saiba mais.](#)

Seu arquivo do Twitter **Solicitar o seu arquivo**  
Você pode solicitar um arquivo com suas informações, desde seu primeiro Tweet. Um link será enviado por e-mail quando o arquivo estiver pronto para ser baixado.

Salvar alterações

[Desativar sua conta](#)

Fonte: Twitter

**Figura 2: Opção para baixar arquivo de dados do Facebook.**

**Baixe suas informações**  
Obtenha uma cópia do que você compartilhou no Facebook.

Esta é uma cópia das informações pessoais que você compartilhou no Facebook. Para protegê-las, pediremos que você insira novamente a sua senha para confirmar que esta é a sua conta.

**Baixar arquivo**

**Cuidado: Proteja seu arquivo**  
Seu arquivo do Facebook contém informações confidenciais, como suas publicações particulares no mural, imagens e informações de perfil. Lembre-se disso antes de classificar ou enviar seu arquivo.



Fonte: Facebook.

### Figura 3: Opção para cópia de segurança do Whatsapp.

Android → Conversas

Salvando seu histórico de conversas

As suas conversas do WhatsApp são salvas automaticamente em um backup no seu telefone todos os dias. Dependendo das suas configurações, você também pode fazer o backup das suas conversas do WhatsApp para o [Google Drive](#). Se você quiser desinstalar o WhatsApp do seu telefone, mas não quiser perder as suas mensagens, lembre-se de fazer um backup manual das suas conversas antes de desinstalar:

Para fazer um backup de suas conversas, vá até o WhatsApp > [Botão de Menu](#) > Configurações > Conversas > Salvar conversas ou Backup de conversas > Fazer Backup.

Para exportar uma cópia do histórico de uma conversa individual ou de grupo específicos, você pode usar a função Enviar conversa por e-mail:

Fonte: Whatsapp

Como vimos anteriormente, algumas das redes sociais mais utilizadas nos permitem a recuperação de dados de seus usuários. Algumas instituições custodiadoras de acervos documentais já demonstraram sua preocupação com esse assunto tão delicado. Mesmo que ainda não existam muitos estudos acerca desta temática, já é possível localizar alguns estudos e iniciativas sobre o tema, como por exemplo, a Biblioteca do Congresso Americano decidiu adquirir e armazenar todos os *tweets*<sup>23</sup> feitos desde a criação do Twitter em 2006 até atualmente.

Arquivar e preservar sites como o Twitter permitirá a futuros pesquisadores uma ilustração de como são as normas culturais, formas de diálogos, tendência e eventos; [auxiliarão] para informar estudos, processos legislativos, futuras obras, educação e outros propósitos (LIBRARY OF CONGRESS, 2013, p.1 tradução nossa).

No Brasil, podemos destacar, o trabalho realizado pela instituição Fundação Casa de Rui Barbosa, que disponibiliza, desde 2015, um manual para auxílio na organização de arquivos pessoais digitais, o *Orientações práticas para a gestão do seu arquivo pessoal digital* (2015) e o *Orientações práticas para arquivistas auxiliarem os doadores na preparação de seu arquivo pessoal digital para doação* (2015), feitos por Rosely Curi Rondinelli e Jorge Phelipe Lira de Abreu.

primeiro apresenta um conjunto de procedimentos nos quais escritores, políticos, cientistas e pessoas físicas em geral poderão se basear para bem gerenciar seus documentos produzidos e mantidos em computador. As orientações vão desde a escolha dos nomes dos arquivos e o formato a ser adotado, até a eliminação de documentos que não são mais úteis. Há também

<sup>23</sup> Tweets é como são chamadas as publicações no microblog Twitter.

instruções sobre *backup*, cuidados com computador e proteção à privacidade [...]. O segundo tem a finalidade de expor diretrizes para os arquivistas guiarem os doadores na preparação dos seus arquivos no momento da doação para a instituição escolhida [...] (ABREU, 2017, p.43).

Conforme destacado por Jorge Phelipe Lira de Abreu, em sua dissertação de mestrado, sobre arquivos pessoais digitais, o processo de organização desses arquivos, é um desafio para a área. De acordo com o autor, ele defende a pré-custódia destes documentos, ou seja, o trabalho do arquivista deve começar antes da coleta do acervo; prestando serviços de assistência ao produtor/acumulador e em conformidade com as áreas de Tecnologia da Informação. Esta intervenção já praticada na gestão de documentos institucionais deve começar a ser praticada com mais assiduidade pelo profissional também nos arquivos pessoais, principalmente os digitais, afinal

[este] cenário requer uma mudança da política de detecção dos potenciais doadores no final da vida ativa para uma estratégia de abordá-los o mais cedo possível após tornar-se claro a partir de suas realizações e atividades que seus documentos são dignos de preservação (CUNNINGHAM apud ABREU, 2017, p.38).

A utilização de manuais arquivísticos para documentos pessoais digitais se tornam de grande ajuda para o futuro, pois feita esta pré-organização, o produtor compreende como determinar quais documentos armazenar ou descartar e como podem ser acessados; auxiliando então o trabalho da futura instituição custodiadora para continuidade e definição de sua organicidade e preservação futura.

Como podemos ver de acordo com Abreu (2017), a preocupação do arquivista com o acervo deve começar desde sua produção para garantia de uma organização eficaz e recuperação destas memórias registradas. Porém o que percebemos durante a pesquisa é que a composição curricular do profissional diante deste tema ainda é escassa no Brasil, sendo um tema ainda controverso no meio acadêmico, arquivos pessoais não são uma das principais matérias em que o profissional é inserido. Ao observar as grades curriculares das principais universidades do país, que oferecem o curso de Arquivologia, por exemplo a UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNB (Universidade de Brasília), UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e UNESP (Universidade Estadual Paulista) vemos que as disciplinas de arquivos pessoais não existem ou são disciplinas não obrigatórias. Já as disciplinas de documentação e gestão de arquivos digitais se encontram com mais facilidade, mas ainda sim entendemos que o tema não é tão bem abordado como deveria.

Vemos que o profissional, assim como as tecnologias, deve se atualizar a todo o tempo acompanhando estas novas formas de produção documental; e também as instituições de custódia não devem se ater aos documentos “tradicionalistas” de papel ou simplesmente da digitalização desenfreada não se preocupando com as particularidades tecnológicas, pois

Nesse jogo, os recursos tecnológicos asseguram um ambiente em que laços são dissimulados e as identidades mascaradas. Na mesma medida em que as instituições se tornam complexas na contemporaneidade, a existência se parte em pedaços, alargam-se as funções e as facetas pessoais fazem-se múltiplas. A vida transporta-se para o ciberespaço, as relações são emuladas e as mídias sociais emergem no horizonte da produção documental da sociedade. (ABREU, 2017, p.28)

É importante frisar, que o objetivo deste trabalho, não é definir nem entrar na problemática se estes são ou não documentos pessoais nos moldes arquivísticos, o que queremos elucidar, é que estas representações devem ser entendidas como memórias pessoais e coletivas, e por isso não podem ser ignoradas pela área, afinal “produzir e manter registros atesta nossas vidas, evidencia, representa e memorializa nossas interações e relacionamentos; e nos situa no mundo” (MCKEMMISH, 1996, p.24.) Entendemos a importância destes registros para estudos futuros sobre as sociedades, costumes de certos períodos e compreensão da vida e memória pessoal de um indivíduo e de seus relacionamentos interpessoais, desconsiderá-los seria como ignorar parte da história.

A criação destes documentos pessoais em ambiente digital nos trazem a tona vários questionamentos acerca da Arquivologia moderna; como fazer a identificação destes documentos? Como garantir sua autenticidade? Como fazer sua organização? E principalmente como preservá-los, já que os documentos em ambiente digital sofrem com a obsolescência de *software*<sup>24</sup> e por vezes a transferência destas informações se torna laboriosa ou acabam se perdendo.

---

<sup>24</sup> Software são programas lógicos de computadores, parte do sistema de processamento de dados, programas de armazenamento e processamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho trouxemos à tona questionamentos ainda pouco falados na Arquivologia. Nossa inquietação parte dos registros feitos nas redes sociais da internet, essas novas formas de produção informacional trazem novos paradigmas para a área, não somente arquivística, mas as áreas de Tecnologia da Informação e Ciência da Informação. Nosso objetivo foi elucidar estes registros como formas de memória pessoal e possivelmente coletiva.

Entendendo o ser humano como um ser comunicativo e dependente de socialização, percebe-se como a partir das novas tecnologias a possibilidade de se comunicar modificou-se a ponto de ser praticamente instantânea. Nesse âmbito a internet destaca-se como o meio que possibilita que as informações sejam transmitidas de diversas formas por diversos autores ao mesmo tempo; havendo uma horizontalização da comunicação, com uso coletivo e aberto. Os sites de redes sociais tem uma plataforma de fácil uso, como vimos durante este trabalho, qualquer pessoa com um pouco de conhecimento de informática pode produzir conteúdo na internet.

As redes sociais, conforme demonstrado, atualmente são usadas como parte presente da vida cotidiana de muitas pessoas, que em seu dia a dia publicam o que fazem, por onde andam, o que pensam e etc. Estas publicações, podem ser entendidas como parte de um processo de socialização; onde as comunicações são feitas por usuários ao redor do mundo, demonstrando parte de sua identidade individual e cultural.

Estes registros digitais, assim como os documentos produzidos em arquivos pessoais “tradicionais” tem como uma das suas principais características a liberdade de criação/produção, afinal documentos pessoais não possuem um padrão. Porém nos atentamos que estes registros e publicações em ambientes digitais são eliminados com uma maior facilidade do que documentos em suporte de papel.

Portanto, conforme se buscou demonstrar durante trabalho as novas tecnologias proporcionam mudanças em várias áreas de conhecimento, inclusive na Arquivologia. Essa tarefa não é algo fácil e necessita de maior reflexão por parte dos profissionais da área, o que ainda não acontece de fato, uma vez que apenas localizamos sobre o tema, trabalhos pontuais, que mais apresentam as dificuldades do que soluções propriamente.

As novas e diferentes tipologias documentais se destacam nesse contexto, devido sua rápida obsolescência, afinal documentos digitais não dependem apenas da preservação de seu suporte físico, como também de seu suporte digital. Este fato é um das nossas preocupações, afinal ainda não sabemos como estes registros poderão ser preservados para futuras memórias, se estudiosos poderão compreender nossos atuais costumes e como ficará nossa história se estes registros não forem preservados.

Outro ponto que destacamos, foi o fato da própria formação do arquivista ainda não contemplar esses assuntos de forma abrangente, uma vez que durante sua formação no curso de Arquivologia, as disciplinas sobre arquivos digitais ainda são poucas e não necessariamente destacam os arquivos pessoais.

Por fim, o que buscamos neste trabalho foi trazer uma inquietação para nossa área referente aos registros feitos nas redes sociais da internet. Durante a produção deste trabalho de conclusão de curso podemos perceber que ignorar estes registros pode ser de grande perda para a memória de um indivíduo e possivelmente da memória social; sendo estas formas de documentar a memória parte importante da história, trazemos a tona então questionamentos de como identifica-los como documentos arquivísticos e preserva-los de forma coerente para o futuro.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Jorge Phelipe Lira de. **Existir em bits: gênese e processamento do arquivo nato digital de Rodrigo de Souza Leão e seus desafios à teoria arquivística**. UNIRIO: Rio de Janeiro, 2017, 161p. Disponível em: <<http://www.unirio.br/ppgarq/tccs/turma-2015.2>> Acesso em: 27 de nov. 2017

ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de; GONÇALVES, Eveline Filgueiras. **Arquivo Pessoal e Fotografias: Lugar de construção fotoaubiográfica**. Pesq. Bras. em Ci. Da Inf. E Bib. UFPB, João Pessoa, 2015, v. 10, n. 1, p. 051-057. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/abcib/article/view/23318>> Acesso em: 10 de nov. 2016

ALENCAR, Felipe. **O que é Instagram?** 2016. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2016/02/o-que-e-o-instagram.html>> Acesso em: 18 de nov. 2017

ARAÚJO, Priscilla Mara Bermudes. **Preservação digital e os periódicos científicos eletrônicos brasileiros em Ciência da Informação**. UFRJ: Rio de Janeiro, 2015, 175p. Disponível em: <<repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/857/1/PriscillaDissertaçãoFinal01.pdf>> Acesso em: 18 de nov. 2017

ARELLANO, Miguel Ángel Márdero. **Preservação de Documentos Digitais**. Ciência da Informação, [S.l.], v. 33, n. 2, dec. 2004. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1043/1113>>. Acesso em: 18 nov. 2017

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>>. Acesso em: 18 Nov. 2017.

BARROS, Thiago Henrique Bragato; TOGNOLLI, Natália Bolfarini. **As implicações teóricas dos arquivos pessoais: Elementos conceituais**. Ponto de acesso, Salvador, V.5, n.1,

abr 2011. P.66-84. Disponível em: <

<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4868>> Acesso em: 18 de nov. 2017

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivística objetos, princípios e rumos**. São Paulo Associação de Arquivistas de São Paulo, 2002.

BRASIL. Decreto-lei nº8.159, de 8 de janeiro de 1991. Diário Oficial da União. Poder Executivo, Brasília, DF. 9 de jan. 1991, Seção 1, Página 455. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8159.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8159.htm)> Acesso em: 18 de nov. 2017

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS; CÂMARA TÉCNICA DE DOCUMENTOS ELETRONICOS. **Glossário de documentos arquivísticos**. Rio de Janeiro, 2016, 7ª versão.

54p. Disponível em: <<http://www.conarq.gov.br/>> Acesso em: 18 de nov. 2017

CALDERON, Wilmara Rodrigues. et al. **O processo de gestão documental e da informação arquivística no ambiente universitário**. Ci. Inf., Brasília, v. 33, n. 3, p.97-104, set./dez. 2004. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/ci/v33n3/a11v33n3.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n3/a11v33n3.pdf)> Acesso em: 19 de out. 2017

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **Arquivos Pessoais são Arquivos**. Revista do Arquivo Público Mineiro, Minas Gerais, 2009, p. 27-39. Disponível em: <

[http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm\\_pdf/2009-2-A02.pdf](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A02.pdf)> Acesso em: 29 de nov. 2016

CAMPOS, José Francisco Guelfi. **Arquivos pessoais, acesso e memória: Questões em pauta**. Inf. Inf., Londrina, v. 18, n.2, p. 150 – 167, maio/ago. 2013. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/16166>> Acesso em: 18 de nov. 2017

\_\_\_\_\_. **Um salto no vazio? Considerações iniciais sobre a organização e representação de arquivos pessoais**. In: Ciência da Informação: ambientes e práticas na contemporaneidade. 2011, Londrina, Organização e Representação da Informação e do Conhecimento. Paraná, 2012, p.1-14. Disponível em:

<<http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2011/secin2011/paper/view/13>> Acesso em: 18 de nov. 2017

CANELAS, Lygia Luzia Cordon; VALENCIA, Maria Cristina Palhares. **O Twitter como disseminador de informação e conteúdo digital em bibliotecas públicas**. CRB-8 Digital, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 22-32, jan. 2012. Disponível em:

<<http://periodicos.ufpb.br/index.php/pbcib/article/view/15524>> Acesso em: 18 de nov. 2017

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. **Trajatória da internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006, 239p. Disponível em: <[www.cos.ufrj.br/uploadfile/1430748034.pdf](http://www.cos.ufrj.br/uploadfile/1430748034.pdf)> Acesso em: 18 de nov. 2017

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet**: Reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p.114-137

COOK, Terry. **Arquivologia e Pós-modernismo**: novas formulações para velhos conceitos. Informação Arquivística, Rio de Janeiro, vol. 1, nº1, out. 2012, p.123-148. Disponível em: <<http://www.aaerj.org.br/ojs/index.php/informacaoarquivistica/article/view/9>>. Acesso em: 18 Nov. 2017.

CPDOC. FUNDAÇÃO GETULIO VAGAS. **O que são arquivos pessoais**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais>> Acesso em: 15 de nov. 2016

DALMASO, Silvana. **A construção da memória nos sites de redes sociais**: percepções sobre experiências no Facebook. In: Encontro nacional da história da mídia, 2015, Rio Grande do Sul. 13p. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/historia-da-midia-digital/a-construcao-da-memoria-nos-sites-de-redes-sociais-percepcoes-sobre-experiencias-no-facebook/at\\_download/file](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/historia-da-midia-digital/a-construcao-da-memoria-nos-sites-de-redes-sociais-percepcoes-sobre-experiencias-no-facebook/at_download/file)> Acesso em: 18 de nov. 2017

DELMAS, Bruno. **Arquivos para quê?** Textos escolhidos. Tradução de Danielle Ardaillon. Instituto Fernando Henrique Cardoso, São Paulo, 2010, p.196

DÂMASO, Livia. **Baixe o WhatsApp Messenger, aplicativo para celular que se tornou um fenômeno no Brasil.** 2017. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/whatsapp-messenger.html>> Acesso em: 18 de nov. 2017

DODEBEI, Vera. **Cultura Digital: novo sentido e significado de documento para a memória social?** DataGramZero-Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, vol.12 n.2, 2011. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/abr11/Art\\_01.htm](http://www.dgz.org.br/abr11/Art_01.htm)> Acesso em: 11 de dez. 2015

\_\_\_\_\_; GOUVEIA, Inês. **Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer.** DataGramZero-Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.9 n.5, 2008. Disponível em: <[http://dgz.org.br/out08/Art\\_02.htm](http://dgz.org.br/out08/Art_02.htm)> Acesso em: 11 de dez. 2015

FACEBOOK. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/>> Acesso em: 18 de nov. 2017

FERREIRA, Carla Alexandra Silva. **Preservação da informação digital: uma perspectiva orientada para as bibliotecas.** UC: Coimbra, 2011, 155p. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/.../1/Preservação%20da%20Informação%20Digital.pdf>> Acesso em: 18 de nov. 2017

FLORES, Daniel; SANTOS, Henrique Machado dos. **Preservação de documentos arquivísticos digitais: Reflexões sobre estratégias em encapsulamento.** Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 167-180, maio 2015. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3610>> Acesso em: 18 de nov. 2017.

FOLHA DE S. PAULO. **Facebook mostra o raio-x de 1 bilhão de usuários.** São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2012/10/1163808-facebook-mostra-o-raio-x-de-1-bilhao-de-usuarios.shtml>> Acesso em: 18 de nov. 2017

\_\_\_\_\_. **Microsoft encerrará o MSN no dia 15 de março; tire suas dúvidas.** São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/01/1212217-microsoft-encerrara-o-msn-no-dia-15-de-marco-tire-suas-duvidas.shtml>> Acesso em: 18 de nov. 2017

FONSECA, G. A. **Arquivos Pessoais e suas particularidades no âmbito Arquivístico.**

Curso de Arquivologia, Departamento de Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP. São Paulo, 2015. Disponível em:

<<https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/seminariodearquivologiaebiblioteconomia/fonseca-g.a..pdf>> Acesso em: 18 de nov. 2016

GONÇALVES, Martina Spohr. et al. **Arquivos pessoais, disponibilização e acesso na web:**

O caso do CPDOC. In: VIII Seminário Nacional do Centro de Memória, 2016, UNICAMP, Campinas. Memória e acervos documentais. O arquivo como espaço produtor de conhecimento. São Paulo, 2016, p. 2-15. Disponível em:

<[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista\\_do\\_arquivo/04/pdf/CASTRO\\_\\_R\\_-\\_Arquivos\\_pessoais\\_disponibilizacao\\_e\\_acesso\\_na\\_web\\_\\_o\\_caso\\_do\\_CPDOC.pdf](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/04/pdf/CASTRO__R_-_Arquivos_pessoais_disponibilizacao_e_acesso_na_web__o_caso_do_CPDOC.pdf)> Acesso em: 18 de nov. 2017

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. **Os rastros digitais e a memória dos jovens nas redes sociais.** Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:

<<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese33.pdf>> Acesso em: 09 de dez. 2015

HEYMANN, Luciana Quillet. **O Indivíduo Fora do Lugar.** Revista do Arquivo Público Mineiro. Minas Gerais, 2009, p.41-51. Disponível em: <

[http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm\\_pdf/2009-2-A03.pdf](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A03.pdf)> Acesso em: 26 de nov. 2016

\_\_\_\_\_. **Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico:** Uma Reflexão sobre Arquivos Pessoais e o Caso Filinto Müller. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 41-60, jul. 1997. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2041>>. Acesso em: 18 Nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Memórias da Elite:** Arquivos, Instituições e Projetos Memoriais. Revista Pós Ciências Sociais, Maranhão, 2011, v.8, n.15, jan/jun. p. 77-96. Disponível em: <

<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/579/333>> Acesso em: 01 de dez. 2016

INNARELLI, Humberto Celeste. **Preservação Digital: A influência da gestão dos documentos digitais na preservação da informação e da cultura.** Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, 2011, vol. 8, n. 2, p. 72-87. Disponível em <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1934>> Acesso em: 26 de nov. 2016

JARDIM, José Maria. **A invenção da memória nos arquivos públicos.** Ciência da Informação, [S.l.], v. 25, n. 2, aug. 1996. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/659>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

KURTZ, João. **Facebook domina ranking de redes sociais mais usadas no mundo.** 2017. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2017/07/facebook-domina-ranking-de-redes-sociais-mais-usadas-no-mundo.ghtml>> Acesso em: 18 de nov. 2017

LIBRARY OF CONGRESS. **Update on the Twitter Archive At the Library of Congress.** Jan/2013. 5p. Disponível em: <<https://www.loc.gov/>> Acesso em: 18 de nov. 2017

LIMA, Camila. **Confira quais são as redes sociais mais usadas no Brasil.** 2017. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/noticias/2017/08/confira-quais-sao-as-redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>> Acesso em: 18 de nov. 2017

MARTELETO, Regina Maria. **Informação, rede e redes sociais: Fundamentos e transversalidades.** Informação & Informação, [S.l.], v. 12, n. 1 esp, p. 46-62, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1785>> Acesso em: 18 nov. 2017

MCKEMMISH, Sue. Provas de mim... Novas considerações. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana. **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p. 17-45.

MEMÓRIA. In: Dicionário de Conceitos Históricos - Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva – Ed. Contexto – São Paulo; 2006. Disponível em: <[www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/conceito\\_MEMÓRIA.pdf](http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/conceito_MEMÓRIA.pdf)> Acesso em: 18 de nov. 2017.

MEMORIA. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2017. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/memoria>> Acesso em: 06 dez. 2017.

NEGREIROS, Leandro Ribeiro. **Sistemas eletrônicos de gerenciamento de documentos arquivísticos**: Um questionário para escolha, aplicação e avaliação. Belo Horizonte: UFMG, v. 12, n. 2, 248p., Ago, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-99362007000200017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362007000200017)> Acesso em: 18 de nov. 2017

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história**: Problemática dos lugares. Tradução por Yara Aun Khoury. Proj. História, São Paulo, dez. 1993, p.7-28.

OLIVEIRA, Isabel Cristina Borges de. **Arquivos pessoais, arquivos de memória e o processo de indexação**. CPDOC-PPHPBC; Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2009, 161p. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/2708>> Acesso em: 18 de nov. 2017.

OLIVEIRA, Maria Engel de. O surgimento da internet. In: **Orkut**: O impacto da realidade da infidelidade virtual. Rio de Janeiro: PUC, 2017, p-39-58. Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9888/9888\\_4.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9888/9888_4.PDF)> Acesso em: 03 de nov. 2017

OLIVEIRA, Maria Lucia Velloso de. **Análise Tipológica dos Documentos em Arquivos Pessoais**: Uma representação do código social. Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2009, p. 1-12. Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/bolsistas/2010/FCRB\\_Selecao\\_de\\_Bolsistas\\_2010\\_Analise\\_tipologica\\_dos\\_documentos.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/bolsistas/2010/FCRB_Selecao_de_Bolsistas_2010_Analise_tipologica_dos_documentos.pdf)> Acesso em: 26 de nov. 2016

O'MEARA, Erin. **Personal Digital Archiving**: DPC Technology Watch Report 15-01. The American Archivist Vol. 80, No. 1 Spring/Summer 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.7207/twr15-01>> Acesso em: 18 de nov. 2017

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 16 de out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Memória e identidade social.** Tradução por Monique Augras. Estudos Históricos, FGV, Rio de Janeiro, 1992, vol. 5, n. 10, p. 220-212. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>> Acesso em: 16 de nov. 2016

\_\_\_\_\_. **O conceito de documento arquivístico frente à realidade digital:** uma revisitação necessária. Niterói: UFF, 2011, 270p. Disponível em:

<[www.siarq.unicamp.br/siarq/images/siarq/publicacoes/...digital/tese\\_rondinelli.pdf](http://www.siarq.unicamp.br/siarq/images/siarq/publicacoes/...digital/tese_rondinelli.pdf)> Acesso em: 18 de nov.2017

\_\_\_\_\_. **O conceito de documento arquivístico na era digital.** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013, 27p. Disponível em: <<http://sites.usp.br/arquivogeral/wp-content/uploads/sites/39/2015/01/rosely.pdf>> Acesso em: 18 de nov. 2017

\_\_\_\_\_; ABREU, Jorge Phelipe Lira de. Orientações práticas para a gestão do seu arquivo pessoal digital. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015. Disponível em:

<<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>> Acesso em: 10 de dez. 2016

SANTOS, Edméa; WEBER, Aline. **Educação e cibercultura: aprendizagem ubíqua no currículo da disciplina didática.** Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 13, n. 38, p. 285-303, jan./abr. 2013. Disponível em:

<[www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&dd1=7646](http://www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&dd1=7646)> Acesso em: 18 de nov. 2017

SANTOS JÚNIOR, Roberto Lopes dos. **Informatika:** estudo das teorias de Alexander Ivanovich Mikhailov. Rio de Janeiro: UFF, 2006, 17p.

SILVA, Maria Celina Soares de Mello e. Arquivos pessoais: preservação e acesso. In: OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso; OLIVEIRA, Isabel Cristina Borges de. **Preservação, acesso, difusão:** para as instituições arquivísticas do século XXI. Rio do Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2013. p. 465-473.

SILVA, Nathalia Luiza Coimbra. **Gestão de documentos arquivísticos digitais:** Análise do sistema Y. UFF: Niterói, 2016, 51p. Disponível em:

<[www.repositorio.uff.br/jspui/bitstream/1/2834/1/SILVA%2C%20Nathalia.pdf](http://www.repositorio.uff.br/jspui/bitstream/1/2834/1/SILVA%2C%20Nathalia.pdf)> Acesso em: 18 de nov. 2017

SOUZA, Mariana Jantsch. **A memória como matéria prima para uma identidade:**

Apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. Revista Graphos UFPB/PPGL, Paraíba. vol. 16, n° 1, 2014, p. 91-117. Disponível em:

<[www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/20337/11264](http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/20337/11264)> Acesso em: 18 de nov. 2017

SOUZA NETO, Manoel Pedro de. **A preservação digital em uma instituição judiciária: o caso da assinatura digital nos processos judiciais como requisito de autenticidade aos documentos arquivísticos.** Manaus: UFAM, 2013, 120p. Disponível em:

<[http://www2.tjam.jus.br/arquivo/index.php/publicacoes/producao-bibliografica/doc\\_download/623-tcc-arquivologia-preservacao-digital.html](http://www2.tjam.jus.br/arquivo/index.php/publicacoes/producao-bibliografica/doc_download/623-tcc-arquivologia-preservacao-digital.html)> Acesso em: 18 de nov. 2017

TOGNOLI, Natália Bolfarini; BARROS, Thiago Henrique Bragato. **As Implicações Teóricas dos Arquivos Pessoais:** Elementos conceituais. Ponto de Acesso, UFBA, Salvador, 2011, Vol. 5, n.1, p.66-84. Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4868/3665>> Acesso em: 26 de nov. 2016

TWITTER. 2017. Disponível em: <<https://twitter.com/>> Acesso em: 18 de nov. 2017

UFMG. Brasil. **Arquivologia.** Disponível em: <<https://ufmg.br/cursos/graduacao/2373/77143>> Acesso em: 26 de nov. 2017

UNB. Brasil. **Faculdade de Ciência da Informação.** Disponível em:

<<http://www.fci.unb.br/index.php/disciplinas-graduacao.html>> Acesso em: 26 de nov. 2017

UNESP. São Paulo. **Arquivologia.** Disponível em:

<<http://unan.unesp.br/guiadeprofissoes/21/cursos-de-humanidades/49/arquivologia>> Acesso em: 26 de nov. 2017

UNIRIO. Brasil. **Arquivologia.** Disponível em: <<http://www.unirio.br/arquivologia>> Acesso em: 26 de nov. 2017

UOL. **História**. São Paulo. Disponível em: <<http://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia.jhtm>>  
Acesso em: 18 de nov. 2017

VERMELHO, Sônia Cristina; VELHO, Ana Paula Machado; BERTONCELLO, Valdecir.  
**Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. 4, p. 863-881, dez. 2015. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022015000400863&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022015000400863&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 18 nov. 2017

VILLAR, Marília Santanna. **Arquivos da Memória – Ou Seu diário em boas mãos**. Alea, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 501-512, dez. 2016. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2016000300501&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2016000300501&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 18 nov. 2017.

WHASTAPP. 2017. Disponível em: <<https://www.whatsapp.com/>> Acesso em: 18 de nov. 2017